

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Dissertação

Síndrome de Burnout
em Professores de Educação Física Das Escolas Estaduais Do Ensino Médio
Da Cidade de Pelotas/RS

Marta Solange Streicher Janelli da Silva

Pelotas, 2010

Marta Solange Streicher Janelli da Silva

Síndrome de Burnout
em Professores de Educação Física Das Escolas Estaduais Do Ensino Médio
Da Cidade de Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física

Orientador: Prof^a Dr^a Mariângela da Rosa Afonso

Pelotas, 2010

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Denise Bussoletti da FaE/UFPEL

Profª Drª Adriana Schüler Cavalli ESEF/UFPEL

Prof. Dr. Flávio Medeiros Pereira ESEF/UFPEL

Profª Drª Mariângela da Rosa Afonso ESEF/UFPEL
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, a gratidão pelo aprendizado por meio da vivência, do amor incondicional.

À Profa. Dra. Mariângela da Rosa Afonso por ser minha orientadora, exemplo de professora amiga e competente, que com sua sabedoria trouxe contribuições importantes ao meu trabalho.

À Profa. Dra. Denise Bussoleti, que, na busca de meus ideais, incentivou-me a continuar meus estudos de pós-graduação e que, com seu sorriso amigo, tranqüilizou-me durante toda qualificação.

Ao Prof. Dr. Flávio Pereira, pelas orientações no exame de qualificação, que de forma tão leve e competente, colaborou dando 'pistas', 'dicas' e diretrizes para a caminhada rumo a mais esse aprendizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, que sempre me apoiou no desenvolver minha pesquisa.

Aos colegas e diretores do Colégio Municipal Pelotense pelo incentivo neste momento de qualificação acadêmica.

Aos professores entrevistados, pelo apoio, compreensão e confiança, ao aceitar compartilhar suas lutas, dificuldades e conquistas, enriquecendo ainda mais esta pesquisa, com suas experiências.

A muitos amigos e amigas a quem não nomeei, mas que estão sempre em meu coração e pensamentos.

A professora e amiga Prof^a Ms. Ana Peil, que sempre me conduziu na elaboração dos textos e, ao mesmo tempo sugeriu, nexos mais conexos para o exercício de um bom português.

Rogério, esposo e amigo que ao meu lado de forma carinhosa e companheira, sempre soube me incentivar para o enriquecimento pessoal e profissional.

Com vocês meus queridos filhos, aprendi a olhar a minha história profissional como uma vida paralela de mãe e professora, contaminada de emoções e experiências, procurando deixar-lhes, como exemplo, a importância dos estudos e, mais do que isso, a vivência de que nunca é tarde para começar e recomeçar... quantas vezes forem necessárias.

“Nada é mais fácil do que saber por que a sabedoria é uma loucura aos olhos do mundo; é ela que nos faz perceber, por nossa própria experiência, que, comparado com ela, o mundo é uma loucura. Pois, qual é o homem mais desejoso do verdadeiro que não tenha cometido negligências em sua marcha e que depois não se tenha encarado como louco, ao retomar a linha da sabedoria?”

Luis-Claude Saint-Martin

RESUMO

SILVA, Marta Solange Streicher Janelli da. *Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das Escolas Estaduais do Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS* 2010. 89f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O trabalho que se segue é um estudo descritivo que apresenta resultados obtidos em uma investigação com o objetivo de pesquisar a Síndrome de Burnout, ou seja, a relação entre condições de trabalho e o adoecimento dos professores em virtude da má qualidade laboral. Procurou verificar-se a incidência da Síndrome de Burnout em 26 professores de Educação Física das Escolas Estaduais do Ensino Médio da cidade de Pelotas- RS, investigando as condições de trabalho docente através de depoimentos dos sujeitos da pesquisa em situações laborais que estejam contribuindo para o seu aparecimento. Buscou-se, ainda, determinar algumas características do perfil sócio-demográfico, ocupacional e pessoal relacionados ao trabalho que possam estar associados à Síndrome de Burnout. Os instrumentos de investigação utilizados foram: Maslach Burnout Inventory (MBI) além de uma entrevista semi-estruturada. Os dados levantados destacaram características sócio-demográficas, ocupacionais, a carga horária semanal de trabalho na instituição de ensino, sexo e formação profissional. Os resultados revelaram que três professores apresentaram alto índice de exaustão emocional e despersonalização associados à baixa realização profissional, caracterizando-se a Síndrome de Burnout. Ao se verificar os depoimentos dos docentes, percebeu-se outras nuances não menos importantes como a necessidade de incentivar um debate a respeito da atuação destes profissionais e de suas condições de trabalho, as quais constituem um fator que pode interferir de forma negativa na saúde e influenciar na sua relação social e familiar.

Palavras-chave: Trabalho docente. Síndrome de Burnout. Sofrimento pelo trabalho.

Áreas de conhecimento: Educação Física. Trabalho. Psicologia do Trabalho.

ABSTRACT

SILVA, Marta Solange Streicher Janelli da. *Syndrome of Burnout in physical education teachers*. 2010. 89f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This study is about a qualitative and quantitative study which shows the results obtained in the investigation which aimed to investigate Burnout syndrome, which is the relationship between working conditions and the falling ill of teachers due to poor working qualities. This research was devoted to 26 Physical Education teachers in public State schools in the city of Pelotas – RS. The goal was verifying the working conditions through the testimony of the subjects involved in the research, and thus, enquiring work situations which contribute to the appearance of Burnout syndrome in these teachers. And also, this research tried to determine some features of the socio-demographic, occupational, and work-related personnel which may be associated to Burnout syndrome. The results obtained make reference to teachers-in-charge from secondary school, where the scope is mainly constituted by adults and teenagers from both the morning and the evening shifts. The instruments of investigation used were: Maslach Burnout Inventory (MBI), plus a semi-structured interview, which was applied to many teachers who presented features of Burnout. Obtained data have shown socio-demographic, occupational, working hours per week at school, gender, and professional formation. The results showed that three teachers presented high level of emotional exhaustion and depersonalization associated to low professional accomplishment, which characterize Burnout syndrome. By verifying the teachers' testimonies, other nuances were noted, not less important when it comes to working conditions as the importance of encouraging a debate about the role and working conditions of teachers of Physical Education, because the workload of teachers is a factor that interferes negatively on health and ultimately reflects in their family and social relationships.

Keywords: Educational Work. Burnout's syndrome. Harm from work.

Knowledge area: Physical Education. Work. Work Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Escala do MBI desenvolvida pelo GEPEB.....	48
Quadro 2	Síntese dos resultados gerais dos professores investigados.....	53
Quadro 3	Referente aos professores do sexo masculino.....	56
Quadro 4	Referente aos professores do sexo feminino.....	57
Quadro 5	Referente aos professores com Idade acima de 40 anos.....	58
Quadro 6	Referente aos professores com idade igual ou menor de 40 anos...	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição dos Docentes por Gênero.....	50
Gráfico 2	Distribuição dos Docentes por Idade.....	51
Gráfico 3	Distribuição por tempo de Docência.....	51
Gráfico 4	Distribuição dos Docentes por Formação.....	52
Gráfico 5	Distribuição dos Docentes por Carga Horária.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP -	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS -	Conselho Nacional de Saúde
DE -	Despersonalização
EE -	Exaustão Emocional
RP -	Realização Profissional
ESEF -	Escola Superior de Educação Física
GEPEB -	Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre o Estresse e Burnout
MBI -	Maslach Burnout Inventory
NEPASB -	Núcleo de Estudos e Pesquisas Avançadas sobre Síndrome de Burnout
OIT-	Organização Internacional do Trabalho
PPG -	Programa de Pós- Graduação
SEP-	Síndrome do Esgotamento Profissional
UFPEL -	Universidade Federal de Pelotas
UnB -	Universidade de Brasília
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DEFINIÇÃO DE TERMOS	16
2.1 BURNOUT.....	16
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA	16
2.3 ENSINO MÉDIO.....	16
2.4 MAL-ESTAR DOCENTE	17
2.5 SEP.....	17
2.6 SÍNDROME	17
3 JUSTIFICATIVA.....	18
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
4.1 AS DIFERENTES ABORDAGENS CONCEITUAIS DE BURNOUT.....	22
4.2 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A SINDROME DE BURNOUT.....	31
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
5.1 PROCESSO DE COLETA DE DADOS	44
5.2 CUIDADOS ÉTICOS	49
6 ANÁLISE DE RESULTADOS	50
6.1 CATEGORIA 1 - Dados de identificação.....	50
6.2 CATEGORIA 2 - Relação entre dados de identificação e instrumento de investigação	53
6.3 CATEGORIA 3 - Identificação e análise dos professores que apresentam Síndrome do Burnout	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	72

APÊNDICES	78
------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Hoje, sabe-se que o trabalho ocupa um papel central na vida das pessoas, inclusive como identidade do sujeito e na inserção social das mesmas. Existem ocupações humanas que, por sua natureza, são mais atingidas pelo estresse. Entre estas está a docência. A longa jornada de trabalho, a falta de empatia com os colegas, correção de provas, atividades para preparar, conteúdos para estudar e explicar, “fazer os alunos aprender” nas condições mais adversas ou estimular o aprendizado. Além disso, cumprimento de prazos, grupos de estudo e jornadas pedagógicas para participar, plano de ensino ou aula a desenvolver e executar, projetos, reuniões são fatores do cotidiano da vida de um professor. As longas distâncias percorridas entre uma escola e outra e ainda o deslocamento para diversas escolas para completar a carga horária exigida impedem-lhe momentos de descanso ao longo do dia.

Há algumas décadas, os professores, eram respeitados, pois eram considerados autoridades por todo contexto escolar: alunos, pais, professores e comunidades, como: igrejas, associações entre outros. Hoje, caso o aluno não aprenda, a responsabilidade é colocada, em grande parte, ao professor, à didática, à metodologia, as quais são consideradas ultrapassadas. Ademais, todo sistema educacional encontra-se hoje sobre pressão, fazendo, dessa forma, com que o docente sinta-se perdido, conseqüentemente, esgotado e pressionado. Todos esses fatores desencadeiam sintomas como a fadiga, distúrbios do sono, estresse entre outros não menos importantes. Conforme Benevides-Pereira (2001), sintomas de diferentes amplitudes acompanham os trabalhadores, dentre os quais estão: enxaquecas, insônia, gastrites e úlceras; diarreias, crises de asma, palpitações,

hipertensão, maior frequência de infecções, dores musculares e/ou cervicais; alergias, suspensão do ciclo menstrual nas mulheres. A autora ainda salienta outros fatores comportamentais como o absenteísmo, o isolamento, a violência, incapacidade de relaxar, mudanças bruscas de humor, comportamento de risco, impaciência, o distanciamento afetivo, o sentimento de impotência, desejo de abandonar o emprego, decréscimo do rendimento de trabalho, baixa auto-estima, a negação das emoções, hostilidade, a apatia e desconfiança.

Assim, todas essas condições apontam para um quadro cada vez mais precário de saúde, vida e trabalho. Se pensarmos no desgaste emocional, relacionado ao trabalho dos docentes, encontraremos diversas pesquisas que se referem à Síndrome da desistência – Burnout ou SEP¹ expressão de uma exaustão emocional ligada ao trabalho.

Trazendo as ideias de CODO (1999), sobre o esgotamento, vamos encontrar uma afirmação de que este profissional está imerso num contexto entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração.

Se, de um lado o trabalho docente enobrece e gratifica; de outro, gera insatisfação e desconforto. Se o professor possui autonomia, liberdade para organizar sua atividade, o trabalho pode ser fonte de prazer. Porém, não havendo extravasamento de energia psíquica, é, indubitavelmente, desgastante e gerador de tensão. Dessa forma, notamos o caráter contraditório do sentido do trabalho na vida do professor, uma vez que ele é, também, fonte de realização pessoal e de subsistência.

[...] por um lado, é fonte de realização, satisfação, prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos: por outro, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde. No ambiente de trabalho, os processos de desgaste do corpo são determinados em boa parte pelo tipo de trabalho e pela forma como esse está organizado (DELCOR et al., 2004, p.1).

Todos esses fatores podem levar o professor à Síndrome de Burnout, a qual se apresenta como um problema biopsicossocial que afeta profissionais como professores e tem chamado a atenção da comunidade científica, devido às

¹ O Brasil reconhece a síndrome, como Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP), face ao dispositivo do Ministério da Previdência Social brasileiro (Anexo 1 da Portaria 1339 de 18/11/1999).

conseqüências individuais e organizacionais que interferem nas relações interpessoais do educador.

Diante do contexto acima exposto o presente trabalho tem como **objetivo analisar a presença da Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das Escolas Estaduais do Ensino Médio da Cidade de Pelotas.**

- Com o interesse de compreender mais profundamente as questões referentes à Síndrome de Burnout, este estudo objetivou verificar os sintomas do esgotamento profissional em docentes de Educação Física, reconhecendo quais as características dessa Síndrome nestes sujeitos e, ainda, averiguar as manifestações no cotidiano dos professores.

Para tal, este estudo busca resgatar alguns diferentes conceitos do universo teórico que contemplam a temática.

Lopes (2001, p.7) afirma que:

mal-estar docente, malestar docente, malaise enseignante, teacher's burnout ou stress in teaching são os termos que a comunidade científica tem usado para dar conta da existência de uma crise na docência, com origem em mudanças nos parâmetros do exercício profissional e com impacto nefasto no equilíbrio pessoal dos professores e na qualidade da educação.

Burnout é uma síndrome relacionada com o trabalho que emerge da percepção do indivíduo sobre discrepância significativa entre esforço e recompensa. Essa percepção é influenciada por fatores individuais e organizacionais e ocorre mais frequentemente nos trabalhos de contato face a face com clientes problemáticos e necessitados e é tipicamente marcada por distanciamento e cinismo em relação ao cliente, exaustão física e emocional e vários outros sintomas como irritabilidade, ansiedade, melancolia e baixa auto-estima (FARBER, apud BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

Segundo Esteve (1995), o mal-estar docente caracteriza-se por uma autêntica crise de identidade coletiva dos professores. O “desconcerto” sobre os objetivos, os conteúdos e os métodos de seu trabalho, unido a pouca valorização material e ao baixo reconhecimento social de seu trabalho, tem conduzido esses profissionais a uma situação de mal-estar, verificável em suas manifestações verbais e em suas atitudes diante do ensino.

Já para Jesus (2001), o mal-estar docente é um fenômeno atual e grave, atingindo professores de diversos países, e diz ainda que é um fenômeno complexo no qual estão envolvidos múltiplos fatores. Para efeito de sistematização, o autor

situa estes fatores sócio-políticos, no plano da formação e de atuação de professores. Os sintomas de mal-estar docente estão claramente personificados nas greves, nas faltas, nos atestados de saúde e outras tantas formas de justificar a ausência no local de trabalho.

Sabe-se que nenhum professor, entre eles o da disciplina de Educação Física, está imune a essa Síndrome, a qual poderá estar mascarada ou presentificada em atitudes, gestos e palavras que, muitas vezes, revelam-se como algo merecedor de um olhar mais profundo.

A partir do que foi exposto, percebe-se a necessidade de pesquisar os fatores que interferem de forma negativa no exercício da docência, em muitos casos desencadeando a presença da Síndrome do Burnout em professores de Educação Física.

2 DEFINIÇÃO DE TERMOS

2.1 BURNOUT

É uma síndrome relacionada com o trabalho que emerge da percepção do indivíduo sobre discrepância significativa entre esforço e recompensa. Essa percepção é influenciada por fatores individuais e organizacionais e ocorre mais frequentemente nos trabalhos de contato face a face com clientes problemáticos e necessitados e é tipicamente marcada por distanciamento e cinismo em relação ao cliente, exaustão física e emocional e vários outros sintomas como irritabilidade, ansiedade, melancolia e baixa auto-estima (FARBER, apud CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p.241).

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA

Art. 3º - **A Educação Física** é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros Campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas (Parecer CNE/CSE n.º 7, p.1).

2.3 ENSINO MÉDIO

- Art. 35. Da LDB,

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

2.4 MAL-ESTAR DOCENTE

Mal-estar docente, *malestar docente*, *malaise enseignant*, *teacher's burnout* ou *stress in teaching* são os termos que a comunidade científica tem usado para dar conta da existência de uma crise na docência, com origem em mudanças nos parâmetros do exercício profissional e com impacto nefasto no equilíbrio pessoal dos professores e na qualidade da educação (LOPES, 2001, p.7).

2.5 SEP

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Portaria nº 1339/GM Em 18 de novembro de 1999.

Transtorno mental e do comportamento relacionado com o trabalho (Grupo V da CID-10).

Sensação de Estar Acabado ("Síndrome de Burn-Out", "Síndrome do Esgotamento Profissional") (Z73.0)

Ritmo de trabalho penoso (Z56.3)

Outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho (Z56.6)

2.6 SÍNDROME

Síndrome é o agregado de sinais e sintomas associados a uma mesma patologia e que em seu conjunto definem o diagnóstico e o quadro clínico de uma condição médica. Em geral são um conjunto de determinados sintomas, de causa desconhecida ou em estudos, que são classificados, com o nome do cientista que o descreveu ou o nome que o cientista lhes atribuiu. Uma síndrome não caracteriza necessariamente uma só doença, mas um grupo de doenças (STEDMAN Dicionário Médico, 1987, p.1553).

3 JUSTIFICATIVA

A responsabilidade pedagógica e pessoal faz de todos nós, professores, verdadeiros heróis de resistência. A imagem do professor passa ser vinculada a um sujeito fraco, desanimado, perdido, cansado, nervoso, hesitante, indagando se deve ou não permanecer na profissão. Muitos docentes, em algum momento da sua trajetória, já viveram este sentimento de desistência e fragilidade, quando buscaram uma saída mágica, afastando-se, dessa forma, do contato com os alunos.

Torna-se necessário entender sentimentos que se mostram constantes na figura dos professores, nos quais há um misto de alegrias e tristezas, muitas vezes, partilhados em espaços da escola, sem privacidade e acolhida. Inibir, ocultar, negar realidades vividas são formas de continuar seu exercício, sem corromper a imagem do professor forte, coerente, integrado, competente, a qual é idealizada por todos e, principalmente, pela escola.

Com uma visão de psicóloga, procura-se observar e entender sentimentos que se mostram constantes na figura dos professores, em que se observa um misto de alegrias e tristezas, muitas vezes partilhados em espaços da escola, sem privacidade e acolhida. Inibir, ocultar, negar realidades vividas são formas de continuar seu exercício docente, sem contaminar a imagem do professor forte, coerente, integrado, competente, que é idealizada por todos e, principalmente, pela escola.

Há vagas: “Procura-se professor que não traga para escola problemas da vida pessoal. Paga-se bem”. Esse anúncio exemplifica a real vontade da escola, a qual exige do professor que seja forte, cientista, disciplinado, lutador, idealista,

tolerante, conformado, otimista, ou seja, perfeito e de preferência, blindado aos efeitos da sociedade.

Nesta experiência profissional formou-se um forte sentimento de resgate, através da pesquisa, manifestado nas formas de entender o descontentamento desses professores em suas atividades profissionais.

Partindo da concepção da Psicologia da Educação como uma disciplina-ponte, considera-se que a relação entre Psicologia e a Educação Física pode trazer contribuições inegáveis, se avaliados os princípios psicológicos e as características do processo educativo.

Todos esses fenômenos educativos são de natureza complexa, havendo necessidade de uma aproximação interdisciplinar para estudar a multiplicidade de dimensões e aspectos neles presentes, em sua globalidade. À Psicologia da Educação, caberia focalizar os estudos dos aspectos psicológicos dos sujeitos que participam de atividades educativas, preocupando-se tanto com o processo de aprendizagem quanto com as condições de ensino. Dessa forma, a Psicologia da Educação, como campo de conhecimento, passa a gerar indicadores para processo de mudança, contribuindo no planejamento eficaz de situações educativas e colaborando concretamente na resolução de problemas do contexto escolar. Os problemas de aprendizagem e os distúrbios do comportamento humano são, sem dúvida, importantes assuntos que dizem respeito aos professores, visto que toda ação pedagógica desencadeada na escola está voltada para aprender.

Todavia, no cotidiano da sala de aula, a realidade existente revela-se outra a cada dia que passa, exigindo do professor conhecimentos diversos e consistentes para as diferentes questões que emergem nesse campo e que, sem dúvida, interferem no processo de ensino e de aprendizagem de todos os envolvidos nesse espaço educativo.

O fato de termos, em sala de aula, alunos com diferentes possibilidades exige que se pense esta aprendizagem de forma coletiva e diferenciada dos moldes atuais de compartimentalização de um ensino padrão.

Em virtude disso, um dos objetivos da aproximação da Psicologia com a Educação Física foi promover estratégias e problematizar vivências reais de ensino, a fim de contribuir na formação do educador, numa perspectiva crítica e comprometida com a sociedade. As principais contribuições da Psicologia para a prática docente do professor são: entendimento da relação professor-aluno,

avaliação, organização dos conteúdos, conhecimentos sobre o desenvolvimento e sobre questões motivacionais.

Concordo com Codo e Soratto (1999, p.370), quando dizem:

A relação professor-aluno-escola-pais-comunidade indica um modo de trabalho. Sendo o ensino-aprendizagem o grande produto esperado, o cotidiano do professor é cercado de condições específicas para que isso possa ocorrer. Voltamos aos gestos, às tarefas, às relações internas e externas ao trabalho. O valor social que ele representa enquanto trabalho e o valor social que representa quanto ao trabalhador. A identidade do professor é cunhada nessa relação de trabalho e subjetividade. Tem uma marca.

Admitir a veracidade dessa descrição sugerida por Codo e Soratto (1999), induz-me a dar continuidade a esta pesquisa, não só como trabalho de conclusão , mas no decorrer de minha trajetória acadêmica e profissional, obrigando-me a contribuir e, dessa forma, interferir nesta rede tão complexa, em que me encontro profissionalmente.

Esses são alguns dados que realçam o papel da Psicologia na formação como um conhecimento, visto que interagindo, auxilia a prática docente em Educação Física. Em virtude disso, procuro encontrar resultados que possam contribuir no processo de formação inicial e continuada desse profissional, a fim de identificar o perfil de esgotamento profissional nos professores de Educação Física.

“Deveria ser uma questão prioritária na formação docente compreender a vida emocional e os contextos em que se desenvolve de forma que a cultivem positivamente, evitando destruí-la” (HARGREAVES, 2004, p.136).

Charlot (2008) comenta que, após uma palestra onde tinha explicado que alunos se queixam da rotina escolar e avançado a idéia da escola como lugar de aventura intelectual, recebeu por escrito, o seguinte “ texto”, que foi muito aplaudido pela platéia de docentes que ali se faziam presentes.

O professor está sempre errado.

- a) é jovem: não tem experiência;
- b) é velho: está superado;
- c) chama atenção: é grosso;
- d) não chama atenção: não tem moral;
- e) usa a língua portuguesa corretamente: ninguém entende;
- f) fala a linguagem do aluno: não tem vocabulário;

- g) tem carro: chora de barriga cheia;
- h) anda de ônibus: é coitado;
- i) o aluno é aprovado: deu mole;
- j) o aluno é reprovado: perseguição.

Esse texto evidencia três fenômenos quais sejam: primeiro, o professor tem consciência de estar preso em discursos contraditórios. Segundo, ele interpreta essas contradições em termos pessoais, ainda que entenda que são ligadas a transformações sociais. E terceiro, essa situação gera vitimização, indignação e desmobilização profissional.

Por um lado, o herói da Pedagogia. Por outro, a vítima, mal paga e sempre criticada. Falta o professor normal, que trabalha para ganhar um salário e sustentar sua família, que vive situações esgotantes e, também, prazeres dos quais pouco fala, que se sente objeto de críticas, mas, afinal de contas, orgulha-se do trabalho feito, que ensina com rotinas provadas, mas, às vezes, abre parênteses construtivistas.

Na verdade não há a garantia de uma vida melhor, mesmo para os profissionais que trabalham excessivamente. A remuneração do profissional docente varia dentro da própria categoria, de acordo com a formação inicial e a habilitação para lecionar em diferentes níveis e categorias do Ensino, dentro da Educação Básica ou do Ensino Superior. A Lei nº 10.172/2001, (Plano Nacional de Educação), no Título IV, capítulo 10, da Formação dos Professores e valorização do Magistério, admite que:

“A melhoria da qualidade do ensino, que é um dos objetivos centrais do Plano Nacional de Educação, somente poderá ser alcançada se for promovida, ao mesmo tempo, a valorização do magistério” (Lei nº 10.172/2001).

Todos esses fatores podem contribuir para o abandono do magistério devido aos baixos salários e às más condições de trabalho nas escolas.

Na tentativa de permanecer na docência, o professor é induzido ao esgotamento restando claro que, a despeito do fato de que as aulas devam ter qualidade, é do bom senso deduzir que esgotamento e qualidade são características que não andam na mesma sintonia.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 AS DIFERENTES ABORDAGENS CONCEITUAIS DE BURNOUT

O termo Burnout foi criado pelo psiquiatra inglês Herbert Freudenberg em 1974, quando começou a observar o intenso desgaste físico e emocional dos profissionais que trabalhavam na recuperação de dependentes químicos. Já Santini caracteriza essa síndrome como SEP “sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia e recursos” (SANTINI, 2004, p.185).

Essa expressão inglesa constitui o chamado “Burnout” – é uma síndrome característica do meio laboral, a qual se dá em resposta à cronificação do estresse ocupacional, trazendo consigo consequências negativas tanto em nível individual, como profissional, familiar e social (BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

Conforme Benevides-Pereira (2003) no Brasil, a primeira publicação sobre a síndrome data de 1987. No entanto, somente em 1999 foi comercializado o primeiro livro em idioma português sobre Burnout, uma tradução da obra de Maslach & Leiter. Ainda, neste mesmo ano, Codo coordena o estudo sobre o Burnout em educadores da rede pública de ensino.

Segundo o autor,

Burnout é resultado de esgotamento, decepção e perda de interesse pela atividade de trabalho que surge nas profissões que trabalham em contato direto com pessoas em prestação de serviços como consequência desse contato diário no seu trabalho. Afirma ainda que a incidência de Burnout “é predominante entre os profissionais que trabalham na área de ciências

humanas, particularmente, enfermeiros, médicos e assistentes sociais”. (CODO, 1999, p.239).²

Os professores também são incluídos nesse grupo de profissionais, por estarem em contato constante e direto com ‘sua clientela’.

De acordo com Carlotto (2001), o Burnout tem atingido várias profissões, mas tem seu foco de estudo especialmente voltado a profissões ligadas ao ensino e serviços de saúde, por serem estas profissões aquelas que envolvem intenso contato com pessoas. Comenta ainda, a severidade da Síndrome entre os profissionais de ensino, sendo hoje, superior à dos profissionais de saúde. Demo (1997 apud BENEVIDES-PEREIRA, 2002) refere-se que nenhuma profissão desgasta-se mais e rapidamente do que a do professor.

A partir dos estudos realizados por Maslach & Jackson (1981) sobre as emoções no ambiente de trabalho e, particularmente, o estresse emocional, foi identificado, ao entrevistar considerável número de trabalhadores em (serviços humanos,) ver que esse tipo de serviço sobrecarregava o trabalhador. Aprofundando essas investigações, Maslach constatou que o fenômeno emergente, que ela também designou de *Burnout*, apresentava regularidades identificáveis, sendo a exaustão emocional uma resposta freqüente a essa sobrecarga (MASLACH 1976, MASLACH, SCHAUFELI & LEITER, 2001, apud CODO, 1999)

Outro componente identificado foi o que Maslach caracterizou como despersonalização, ou seja, um distanciamento emocional do prestador em relação ao recebedor do serviço ou cuidado, como forma de enfrentar o estresse emocional vivenciado e amenizar o sofrimento decorrente de emoções como compaixão e empatia pelo cliente. Dessa maneira, o trabalhador se protegia do intenso envolvimento emocional, que poderia interferir no funcionamento e na efetividade do trabalho. Mas, por outro lado, esse distanciamento poderia levar a comportamentos negativos, indiferentes e ríspidos em relação ao cliente (CODO, 1999).

Freudenberger e Maslach trouxeram, para o mesmo fenômeno, duas visões: a clínica e a psicossocial. Do ponto de vista clínico, o foco inicial recaiu sobre os

² Síndrome de *Burnout*, entendida a partir da definição de Fregenbauer (1974). Fregenbauer foi quem primeiramente utilizou o termo, em 1974, para expressar o sentimento das pessoas que o procuravam para tratamento, pois pareciam ter perdido uma energia enorme, sentiam-se derrotadas e perdendo a sua possibilidade de ação. Este quadro levou a psicologia a relacionar estes sentimentos com sua oposição: a onipotência. Ou seja, a síndrome é resultante de duas forças em contradição, produzindo a impotência e a atitude de entregar-se ao acaso do próprio destino, uma vez que essas pessoas estão exauridas e cansadas de lutar.

sintomas de *Burnout* e sua vinculação com a saúde mental dos profissionais que os manifestavam, abordando provavelmente aspectos individuais, como experiência de esgotamento, decepção e perda de interesse pelas atividades relacionadas ao trabalho. Freudenberger (apud SANTINI e MOLINA, 2005) a partir de uma perspectiva psicossocial considera que o Burnout representa um estado resultante do trabalho exaustivo, deixando-se de lado até as próprias necessidades.

De acordo com Jiménez, Gutiérrez e Hernandez (apud SANTINI 2004), um professor apresenta:

- a) exaustão emocional, quando percebe que não pode mais se doar a seus alunos;
- b) despersonalização, quando desenvolve atitudes negativas assim com: cínicas e algumas vezes insensíveis em relação aos estudantes, pais e companheiros;
- c) baixa realização profissional, quando percebe que sua ineficiência em ajudar os alunos no processo de aprendizagem e no cumprimento de outras responsabilidades inerentes ao professor.

Todos esses fatores aliados às características e condições do ambiente de trabalho desenvolvem sofrimentos mentais.

Nesse sentido, vale destacar que o estudo de Codo (1999) assume importante papel na construção das análises científicas neste campo no Brasil. De fato, trilhando os caminhos desvelados por Dejours e Esteve, os estudos de Codo tornaram-se uma referência no país. A pesquisa por ele coordenada no Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT) da Universidade Nacional de Brasília (UNB) resultou em uma coletânea sobre o Burnout. O Estudo consistiu numa análise sobre as condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores em educação no Brasil, que, privilegiando professores, funcionários e especialistas em educação das escolas públicas de vários estados, articula a educação, a psicologia, a economia e a sociologia do trabalho. Notável como *Burnout* continua comparecendo na pauta de pesquisas no mundo inteiro.

Entretanto, considerações sobre o desenvolvimento da Síndrome ainda não possibilitaram uma explicação unânime e, enquanto isso, modelos explicativos proliferam no sentido de mapear o fenômeno. O que parece claro é que são muitas as causas desse fenômeno, já que existe uma notável gama de estressores no

ambiente de trabalho, sendo necessária, portanto, uma visão abrangente e conciliadora das diversas abordagens.

Há inúmeros fatores que podem ser considerados estressores. A rotina de trabalho de no mínimo 40 aulas semanais, turmas superlotadas, dois ambientes distintos de trabalho. Exigências pedagógicas fazem com que esse profissional envolva-se com seu cotidiano docente, ultrapassando os muros da escola, renunciando, algumas vezes, sua vida pessoal.

Alguns fatores como: uma administração insensível, pais de alunos omissos, violência, falta de segurança, excesso de alunos em espaços não condizentes, baixos salários, isolamento em relação a outros professores, falta de autonomia, falta de perspectivas e de ascensão na carreira, além de um preparo algumas vezes fragilizado, favorecem o desenvolvimento da síndrome.

Em virtude desses fatos, analisou-se, também, a trajetória de lutas sindicais no Rio Grande do Sul, ressaltando a presença do CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação - CPERS/Sindicato)

O CPERS/Sindicato foi fundado, para representar os trabalhadores em Educação nas suas lutas, por acreditar que a união é fundamental para conquistar os direitos e garantir uma educação pública de qualidade. A luta inclui merenda, repasse de verbas para as escolas, e qualidade de vida e dignidade da categoria e do ensino.

Há mais de três décadas, o CPERS/Sindicato vem lutando pelos direitos e propondo modificações nas políticas públicas de ensino. Sua caminhada traz consigo certa responsabilidade em transformar a política educacional atual em uma política inovadora, onde terá a participação direta do magistério e da comunidade escolar em geral.

Porém, todas as discussões realizadas pelo sindicato têm sempre como foco principal a criação de um projeto político pedagógico voltado para a sociedade, buscando sempre a melhoria da educação nas escolas públicas, e com pauta na valorização dos profissionais do ensino, qualificação e democratização da escola.

Entretanto, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (ENDO, 2006) profissões como médico e professor, estão entre as mais desgastantes, de modo que entre esses profissionais, a incidência de afastamento por recomendação médica é significativa.

De acordo com Endo (2006), entre os professores, o contato direto com o público, no caso com os alunos, é o agravante para a deflagração de doenças psicossomáticas. O aumento cada vez mais significativo de casos de afastamento de professores por problemas psicológicos, segundo a profissional, está diretamente ligado à mudança cultural em sala de aula.

A dinâmica educacional mudou e os alunos já não mantêm o mesmo respeito que tinham em relação ao professor em outros tempos. Está mais difícil para eles lidarem com os estudantes, cujos limites se perderam (ENDO, 2006, p.1).

Para Cordié (1997), ser bem sucedido em uma sociedade capitalista significa ter acesso aos bens de consumo, ser alguém respeitado pelo que possui de bens materiais e o fracasso, nesse contexto, é renunciar ao gozo, sob a ameaça de não ser ninguém na vida. A aspiração ao sucesso não é somente uma questão de pressão social, mas que o próprio sujeito se ressentem em uma sociedade cujos valores predominam e se relacionam ao poder financeiro, portanto esta pressão da sociedade vai se cristalizar em um sintoma específico, de acordo com a singularidade de cada um. Os efeitos disto sobre o sujeito se revelam sob a forma de desprezos, humilhações e rejeições sociais.

Os reflexos dos males psicológicos podem se traduzir em agressividade excessiva, descontrole emocional ou depressão. No caso do estresse, a função é de ajustar a homeostase e de melhorar a capacidade do indivíduo, para garantir-lhe a sobrevivência ou a sobrevida (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.27).

Para Farber (1999, apud CARLOTTO, 2002) os professores, como todas as pessoas, precisam sentir-se importantes, amados e especiais em suas atividades profissionais. Os docentes devem ter estas necessidades afirmadas por quem eles vivem e trabalham. O autor acredita que Burnout ocorre quando o professor sente que seus esforços não são proporcionais às recompensas obtidas e futuros empenhos não serão justificados ou suportados.

Os professores são paradoxalmente um corpo profissional que resiste à mudanças e que é muito sensível à ela. A gestão pessoal desse equilíbrio entre rigidez e a plasticidade define modos de encarar a profissão docente.

Essas considerações nos remetem a perguntar por que é que fazemos o que fazemos na sala de aula, encontramos uma mistura de vontades, de gostos, de

experiências, de acasos até o momento que engessamos comportamentos, gestos e rotinas cotidianas e com os quais nos identificamos como professores. Acontece que cada um tem seu jeito próprio de organizar suas aulas, de se movimentar, de dirigir-se aos alunos, de utilizar recursos e meios pedagógicos.

No contexto da carreira obsessiva e do domínio geral do discurso da eficiência, as escolas, através dos mais ilustres reformadores inspirados no mundo da empresa, importaram seus princípios e normas de organização de forma extremada em ocasiões delirantes, mas sempre com notáveis conseqüências para a vida nas salas de aula (ENGUITA, 1989, p.125).

Segundo Esteve (1999) as responsabilidades têm aumentado as exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do professor. Acredita-se que as mudanças no papel dos professores estejam ligadas a três fatos fundamentais:

- a) a evolução e a transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente e grupos sociais organizados), que, nos últimos anos, vêm renunciando às responsabilidades que antigamente vinham desempenhando no âmbito educativo, passando a exigir que as instituições escolares assumam esta responsabilidade;
- b) o papel tradicionalmente designado às instituições escolares, com respeito à transmissão de conhecimentos, viu-se seriamente modificado pelo aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massas, etc.), que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura;
- c) o conflito que se instaura nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir e quais deve questionar.

As transformações apontadas, segundo Esteve (1999) supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles.

Observa-se, neste processo, que o professor se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios, que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações. A escola resiste em reconhecê-los e acolhê-los, pois teme ser desestabilizada por eles. Mas a escola é na sua essência, do ponto de

vista sociológico, o lugar de ordenamento, da estabilidade, do controle, da transparência, da não-contradição. Por isto, nela, o mal-estar, o conflito, a desordem, o desequilíbrio são recusados.

Para Santini e Molina (2005) além dos professores ministrarem suas aulas devem desempenhar uma multiplicidade de papéis na escola tais como: de pai, substituto de professor de outra disciplina, de médico, de orientador psicológico, de policial, devido à violência e a insegurança encontrada dentro e fora do contexto escolar.

Mas de acordo com Diniz (2008) essa negação de qualquer mal-estar, pela escola, tem conseqüências: “a instituição, quando sutura o mal-estar, transforma-se (ela mesma) em fonte de mal-estar”. Exige-se do professor que seja companheiro e amigo do aluno, proporcione-lhe apoio para o seu desenvolvimento pessoal, mas já ao concluir o curso tem-se notado que muitos docentes adotam um papel de julgamento, contrário ao anterior, parecem adivinhar o futuro de seus alunos ou então para avaliar se seu empenho fará diferença no produto final. Estimular a autonomia do aluno é a ordem, mas ao mesmo tempo pede que se acomode às regras do grupo e da instituição. Algumas vezes é proposto que o professor atenda aos seus alunos individualmente e em outras ele tem que lidar com as políticas educacionais para as quais as necessidades sociais o direcionam, tornando professor e alunos submissos, a serviço das necessidades políticas e econômicas do momento. Por esta razão, o sucesso do empreendimento educativo nunca estará assegurado, pois em tais profissões sempre há mudanças, ambigüidades, conflitos, opacidades e mecanismos de defesa.

Esteve (1999) adverte sobre as desastrosas tensões e desorientações provocadas nos indivíduos quando estes se vêem obrigados a uma mudança excessiva em um período de tempo demasiadamente curto. Para o autor, o professor está sendo tirado de um meio cultural conhecido, em que se desenvolveu até então sua existência, e está sendo colocado em um meio completamente distinto do seu, sem esperança de voltar à antiga paisagem social de que se lembra. Seria o movimento acelerado dos tempos modernos, o grande desafio, onde a mais significativa modificação ocorrida no papel do professor esteja relacionada ao que o autor anteriormente citado denomina de "avanço contínuo do saber".

Não se trata somente da necessidade de atualização contínua, mas sim da renúncia a conteúdos e a um saber que vinha sendo de seu domínio durante anos. A

respeito do saber docente, Tardif (2002) organizou um quadro que nos mostra a natureza social do saber profissional, onde podemos constatar que os diversos saberes dos professores estão longe de serem exclusivamente produzidos por eles, sendo vários deles de certo modo, exteriores ao ofício de ensinar, pois suas origens são de natureza social anteriores à carreira, propriamente dita, ou fora do trabalho cotidiano. O autor dá exemplos: alguns provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm das universidades; outros são decorrentes da instituição ou do estabelecimento de ensino (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.).

Os professores devem incorporar conteúdos que nem sequer eram mencionados quando começaram a exercer sua profissão. O professor que resiste a estas mudanças, que ainda pretende manter o papel de modelo social, o de transmissor exclusivo de conhecimento e o de hierarquia possuidora de poder tem maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar.

Em virtude disso, fica claro o sentimento ambivalente que se forma nos professores, quando ao buscar no trabalho a fonte de prazer e realização acaba por encontrar nele uma fonte de sofrimento e desgaste, entrando em conflito com a organização, pois, no contexto de trabalho, a organização é a vontade do outro que se impõe sobre a do indivíduo. Na medida em que as pessoas internalizam suas expectativas, confrontando-as com uma realidade discrepante, surge o conflito que incide negativamente no seu equilíbrio emocional (DEJOURS, ABDOUCHELI, 1994).

No que diz respeito ao sofrimento psíquico de professores, inúmeras investigações vem sendo realizadas na busca de elucidar as causas do desconforto e do adoecimento na profissão docente. Nas escolas, os sintomas de esgotamento nos professores se manifestam na interface de problemas subjetivos com os problemas escolares. Muitas vezes, aparecem junto a uma incapacidade de lidar com os problemas da própria vida, refletidos no encontro e desamparo sentido pelo mundo moderno, quando não encontram um lugar para serem escutados e se deparam com a ausência de respostas aos seus ideais (DINIZ, 2008).

Os estudos sobre o sofrimento no trabalho têm como influência as contribuições da psicanálise, particularmente de Freud, tendo em vista ser o

sofrimento caracterizado, de modo geral, pela angústia³ gerada pela expectativa diante do perigo. Isso posto, pode-se depreender, na ótica da psicanálise, que as condições da sociedade moderna levam a um crescente grau de angústia e sofrimento, que resulta em uma série de problemas ligados aos processos de adoecimento mental

Em sua obra, “Mal estar na Civilização”, Freud (1974, p.137) afirma que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança”. A vida segundo o autor proporciona ao homem muitos sofrimentos, decepções, tarefas impossíveis de serem realizadas. Aspectos sócio-culturais, como o trabalho, são renúncias pulsionais⁴ coletivas em prol da sociedade, constituem uma medida paliativa na função de evitar o sofrimento (desprazer), fazem parte da sujeição ao princípio da realidade.

O sofrimento ameaça o homem em três direções:

- a) o próprio corpo, fadado à decadência;
- b) o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição;
- c) o relacionamento com os outros, colocado como talvez sendo a fonte do sofrimento mais penoso.

A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém o melhor caminho é o de tornarmos-nos membros da comunidade humana (FREUD, 1930).

Em alguns momentos no trabalho do professor, existe uma exigência de responsabilidade que deve ser compensada pelo reconhecimento do trabalho. Se o docente não percebe o reconhecimento do seu trabalho, a responsabilidade exigida passa a ser percebida como uma sobrecarga geralmente experimentada como um conflito, que repercute negativamente em sua saúde.

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através do método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos nos defender dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. Há é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana (FREUD, 1974, p. 96).

³ Termo utilizado por Freud no quadro da segunda teoria da angústia: Angústia perante o perigo exterior que constitui para real.

⁴ Pulsão - Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo

Portanto, a demonstração de excessivo cuidado pelo trabalho, assim como a necessidade de referências de gratidão e elogios, por parte dos alunos, gestão escolar, coordenação e administração municipal e estadual, podem traduzir tentativas de minimizar as duras condições de trabalho da docência.

Em outra obra bastante conhecida de Freud, O caso “Schreber” citado por Freud (1974) fala de um tipo especial de transferência, que o ser humano desenvolve em relação as instituições com as quais tem algum vínculo. Uma forma antropomorfizada, que acaba por atribuir, sentimentos, qualidades humanas, quase vida própria, ao seu trabalho. Na relação dos professores com a escola, nos casos em que falam dela como se fosse a “segunda casa”, “um verdadeiro lar”, e estabelecem com os colegas de trabalho e com seus alunos relações fraternas e “quase parentais”, permeadas de sentimentos ambivalentes de amor e ódio e por outros sentimentos e fantasias de dor e culpa.

Dessa forma, seria uma “faca de dois gumes”: da mesma forma que tais relações podem amenizar as agruras das condições de trabalho, geradoras da SEP, podem agravá-lo, com uma maximização de sentimentos de dor e de culpa.

4.2 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A SINDROME DE BURNOUT

A atual crise no sistema educativo tem produzido novos desafios para o magistério, face à rapidez das novas demandas sociais. Os profissionais da educação, em particular os professores de Educação Física têm sofrido tanto uma exigência de posturas requeridas pela sociedade, como problemas relativos aos recursos materiais e humanos. Modificações no contexto social das últimas décadas alteraram significativamente o perfil do professor e as exigências pessoais e do meio em relação à eficácia de sua atividade.

Santini e Molina Neto (2005), em pesquisa realizada, buscaram a compreensão da Síndrome do Esgotamento Profissional em professores de Educação Física do Município de Porto Alegre/RS (RMEPOA). Esta pesquisa bibliográfica possibilitou unificar a expressão do fenômeno como: Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP), traduzindo a imagem do professores de Educação Física que ao serem observados em suas aulas de Educação Física, no pátio, vêem os alunos jogando bola e o professor ao lado, e de forma precipitada costumam dizer: “lá está um professor bola”, um professor que não quer mais nada com nada.

Embora muitos professores de Educação Física sintam-se realizados e recompensados pela função social de sua atividade, parece existir a outra face deste profissional, que está cansado, desiludido com sua profissão, sem vontade de estar ali ao lado de seus alunos, e assim promovendo uma baixa qualidade de ensino. No entanto, por estar esgotado em razão de suas atividades profissionais, acaba por sentir-se incapaz de se relacionar com seus alunos de forma satisfatória, sofrendo aos poucos a SEP⁵.

Santini e Molina Neto (2005) comentam, ainda, que no coletivo docente dos professores de Educação Física, as características do trabalho se mostram como os elementos importantes e que ao mesmo tempo favorecem o desenvolvimento da Síndrome de Burnout ou SEP. O professor se envolve afetivamente com seus alunos, desgastando-se e assim, não agüentando mais, desiste. Embora exista um consenso na literatura internacional no que diz respeito ao desenvolvimento da SEP, de que essa se expressa de forma a responder a um estresse laboral crônico, a mesma não deve ser confundida com estresse. Segundo Codo e Vasques-Menezes (1999) estresse é um esgotamento pessoal com interferência na vida do indivíduo, e não necessariamente na sua relação com o trabalho. Nessa linha de argumentação, os autores ainda dizem que o estresse tem efeitos positivos e negativos para a vida, enquanto Burnout é sempre negativa. Nesse sentido, as diferenças entre um e outro estão no fato de que o estresse pode desaparecer após um período adequado de descanso e repouso, enquanto que Burnout não regride com as férias e nem com outras formas de descanso.

No referido trabalho, ainda encontramos resultados significativos sobre fatores estressores, importantes no desenvolvimento da SEP como:

- a) desenvolver várias funções além da docência;
- b) quantidade de turmas;
- c) número de alunos por turma;
- d) número de horas dedicadas à prática docente;
- e) falta de tempo para a qualificação desejada;
- f) desorganização do cotidiano do professor.

⁵ Este fenômeno, no idioma anglo-saxão é definido e estudado como Burnout, e no âmbito dos latinos é definido através do descritor Mal Estar Docente. Nesse estudo, esses descritores forma traduzidos para o português como Síndrome do Esgotamento Profissional. Essa opção ocorreu face ao dispositivo do Ministério da Previdência Social brasileiro (Anexo 1 da Portaria 1339 de 18/11/1999-Brasil, 1999) que utiliza a expressão Síndrome de Burnout.

Todos esses fatores elencados acima incidem no aumento de sintomas vinculados a Síndrome de Burnout.

As professoras e os professores da rede pública, nas últimas décadas, têm sofrido uma intensificação no trabalho. Além das funções habituais que são prescritas a este trabalho, nos últimos anos, outras funções passaram a ser incorporadas. Gatti (2000, p.60), enfatiza que “a valorização social real de uma área profissional traz reflexos nas estruturas da carreira e nos salários a ela relativos”. Destaca, também, que os professores são profissionais com dificuldades de consolidar estruturas de carreira para a categoria bem como de perceber bons níveis salariais. Assim, nestas condições, a autora salienta que, aliada a outra dificuldade, a do papel do professor na sociedade atual, tem-se configurado uma situação de condições precárias de profissionalização dos professores e, conseqüentemente, uma desvalorização social crescente.

Já segundo Ramos; Spgonon (apud KRUG, 2008):

a valorização profissional é de certo modo um incentivo, para qualquer profissional trabalhar com satisfação. Pesquisas mostram que profissionais satisfeitos apresentam resultados significativos e de qualidade, ao contrário, profissionais insatisfeitos não evoluem.

No estudo realizado por Krug (2008), podemos constatar que a maioria dos professores de Educação Física da rede pública de ensino de Santa Maria declararam que existe uma “desvalorização da Educação Física Escolar” o que lhes acarreta um sentimento de insatisfação com a docência na escola. Já segundo Gatti (2000, p.62), “o peso da desvalorização social faz-se presente e, com certeza, afeta o clima de trabalho dos professores”.

O quadro da educação no país frente às demandas de modernização do mundo atual, segundo Barros (2000 apud Gomes, 2002), busca traduzir a qualidade do ensino pelos seus índices de produtividade, que representam:

- a) maior número de alunos por turma;
- b) enxugamento do número de profissionais;
- c) capacidade da escola em produzir conhecimentos práticos e objetivos.

Conforme Gomes (2002) soma-se, também, o preenchimento de relatórios referentes à avaliação do desempenho dos alunos, no caso dos professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, elaboração bimestral do diário de classe e avaliação

anual, com cálculo de notas, médias e freqüência e ainda elaboração de atas de reuniões e conselhos de classe; o aumento de horas/aula dos professores, acarretado pelo aumento da carga horária anual, o aumento no número de alunos por turma. O professor tem que lidar com turmas grandes, de 30 a 50 alunos/as, que exigem um grande esforço para o controle da turma, o que pode gerar problemas relacionados a fala, e uma sintomatologia de ansiedade, depressão, apatia e estresse.

Fica evidenciado, no trabalho de Krug (2008), que os “professores de Educação Física da rede pública de ensino de Santa Maria”, declararam, em sua quase totalidade, uma “insatisfação com o relacionamento com seus pares”, devido aos atritos de opiniões, ao surgimento de inimizades, e a formação de grupos isolados de professores que rejeitam outros colegas. Para Mosquera (1978 apud KRUG, 2008), a hostilidade na educação é manifestada através de inimizades que surgem entre os docentes prejudicando sua vida profissional. A hostilidade é comum na vida humana, mas não podemos deixar que chegue a afetar a saúde psicológica do professor. O ambiente hostil é prejudicial ao ambiente escolar. São problemas que se acumulam. Mas, como resolvê-los? Sem discuti-los?

Este quadro de hostilidade entre colegas de trabalho destacado pela quase totalidade dos professores de Educação Física das escolas públicas de Santa Maria, fomentam mais uma vez, o “mal-estar docente”. Segundo Noal (2003 apud KRUG, 2008) o mal-estar docente pode atingir a todos os docentes, variando principalmente quanto ao grau de sua intencionalidade, independente da faixa etária. Assim, tanto professores jovens ou não, podem sentir a presença do mal-estar na sua vida.

Diante de um novo modelo de organização do trabalho, as implicações do trabalho na saúde das professoras e dos professores configuram um novo quadro de danos à saúde que se revela em um maior sofrimento psíquico. Esteve (1999), comenta que é nas relações interpessoais promovidas pela escola através do diálogo e troca de experiências que o professor irá encontrar uma forma de amenizar suas angústias.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) já apontava, em 1983, os professores como sendo a segunda categoria profissional, em nível mundial, a portar doenças de caráter ocupacional, ou seja, aquelas adquiridas em função do trabalho, incluindo desde reações alérgicas à giz, distúrbios vocais, gastrite inclusive esquizofrenia (VASCONCELLOS, 1997).

Os professores de Educação Física precisam atender e orientar os alunos a fazerem todo tipo de atividade física, entretanto, esse profissional realiza, rotineiramente, atividades que sobrecarregam o sistema músculo-esquelético, além de trabalhar em posições desconfortáveis por longos períodos e fazer movimentos repetitivos, o que pode gerar sérios riscos ao organismo.

Outro fator também agravante relaciona-se aos problemas vocais, devido ao esforço utilizado pelo professor de Educação Física por trabalhar em grandes espaços, estando mais propenso a desenvolver alterações de voz. Em uma ação educativa buscando amenizar esses distúrbios, a prevenção vem sendo utilizada em profissionais que fazem uso constante e exaustivo da voz, neste caso os professores, inclusive os de Educação Física. Visto que os mesmos podem estar mais suscetíveis a desenvolver alterações de voz, devido ao esforço físico que suas atividades acarretam, juntamente com os abusos vocais.

Para Santini (2004, p.13),

outro aspecto interessante que não pode ser esquecido é que parece não haver uma preocupação das instituições educacionais com a forma como a atividade profissional repercute sobre a saúde do professor. Isto significa dizer que ser professor é possuir uma vocação para a profissão, sacrificar-se, suportando situações que afetariam gravemente qualquer outro tipo de profissional.

Assim, englobar ações que interceptam o processo da doença é fundamental, e podem ser feitas, por exemplo, pela higiene vocal, direcionada a estes profissionais.

As alterações de voz (tais como rouquidão ou disfonia, afonia, dor ao falar, cansaço ao falar, falhas na voz, falta de projeção vocal e dificuldade para falar em forte intensidade) são responsáveis por um número significativo de queixas, licenças médicas, afastamentos e readaptações funcionais, representando prejuízos para o trabalho do professor, para a comunidade escolar e toda a sociedade. Rameck (apud SIMÕES; LATORRE, 2006) ressalta que as mulheres são mais suscetíveis a alterações vocais, maior ocorrência em profissionais da Educação Infantil e professores de Educação Física, pois falam muito ao ar livre, sem amplificação e durante a prática de exercícios físicos, o que pode sobrecarregar todo o aparelho fonador e pode haver uma melhor auto-percepção quando recebem orientações sobre o uso da voz e higiene vocal. Os professores constituem uma classe

profissional que tem na voz o seu principal instrumento de trabalho. Tal instrumento, se não for bem utilizado, poderá levar ao desenvolvimento de alterações vocais, o que ocorre com frequência significativa, como é abordado na literatura especializada. As estatísticas demonstram que os professores de Educação Física representam uma grande parcela desta população predisposta a ter problemas vocais.

Além desses transtornos e retomando as idéias de Esteve (1999), podemos encontrar outras dimensões do *mal-estar docente*, expressão assim por ele definida como um conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social.

A expressão mal-estar docente (*malaise enseignant, teacher burnout*) emprega-se para descrever o conjunto de conseqüências negativas que afetariam o professor a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência (ESTEVE, 1999, p.57).

Esteve (1999) indica as principais conseqüências desta síndrome, organizadas e apresentadas a seguir em ordem crescente do ponto de vista qualitativo, e decrescente do ponto de vista quantitativo, ou seja, do número de professores afetados:

- a) sentimento de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor;
- b) pedidos de transferência, como forma de fugir a situações conflituosas;
- c) desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza;
- d) desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não);
- e) absenteísmo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada;
- f) esgotamento, como conseqüência da tensão acumulada;
- g) "stress";
- h) ansiedade;
- i) depreciação do eu. Autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino;
- j) reações neuróticas;

- k) depressões;
- l) ansiedade, como estado permanente associado em termos de causa-efeito a diagnósticos de doença mental.

Entende-se o mal-estar docente, descrito por Esteve, como um conjunto de características negativas que podem levar o professor à Síndrome de *Burnout*, ou seja, um professor poderá ter diagnóstico de mal-estar docente, visto que este configura-se apenas com uma das características da Síndrome. Para diagnosticar a Síndrome de Burnout são necessárias as três categorias descritas por Maslach.

Fica evidenciado com isso que a Síndrome interfere na totalidade da saúde, do professor, comprometendo, assim, sua qualidade de vida. Mas o que quer dizer o termo qualidade de vida? Silva (1997) a define como “o grau de satisfação do indivíduo com sua vida e o grau de controle que exerce sobre ela”. De fato, é importante afirmar que a qualidade de vida depende também das condições de trabalho, pois a maioria dos trabalhadores passa grande parte do tempo no trabalho.

Nesse contexto, pode-se citar o trabalhador docente, o qual exerce atividade intelectual, exigindo deste profissional constante busca de inovações, impostas pelo avanço técnico científico, ficando suscetível ao estresse, levando pesquisadores como Lipp (1996), a tê-los como objeto de pesquisa.

Para Nogueira (2005), a expressão “qualidade de vida”, embora seja uma das mais mencionadas no campo da EF e dos Esportes, apresenta outra dimensão sobre o tema, ou seja, é surpreendentemente ignorada e, pode-se dizer, claramente desprezada pelos estudos acadêmicos do campo. A surpresa pelo desinteresse e a escassez de problemas relacionados a essa temática é tanto maior, na medida em que o professor de EF tem sido reconhecido culturalmente, como um dos agentes que podem contribuir para a promoção da saúde e a qualidade de vida da população em geral, paralelo ao fato de que sua prática desdobra-se concretamente no contexto de relações sociais inseridas num mundo de trabalho, que embora marcado por constantes transformações, ainda assim não renuncia às reflexões, debates e movimentos em prol de uma qualidade de vida laboral.

Observa-se, portanto, que no campo da EF, no âmbito escolar, a problemática da qualidade de vida no trabalho do professor de EF não desfruta de maior prestígio, pois se tem praticamente ignorado a qualidade de vida vinculada ao trabalho dos professores que seguem implementando programas de atividade física,

os quais, por sua vez, podem contribuir para a qualidade de vida dos seus alunos sob sua ação interventora.

Alguns autores declaram ter em mente “um professor sufocado pelas limitações materiais da escola, pelos baixos salários, pela desvalorização de sua profissão e de seu trabalho, mas sempre esperançoso em transformar sua prática, sedento de saber, inquieto por conhecer e suprir o que não lhe foi proporcionado no período de sua formação profissional” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.17).

Entretanto, Nogueira (2005) comenta que parece tratar-se de um professor idealizado por uma visão pueril de transformação social e tolhido por um quadro de destituição crônica das mínimas condições necessárias para o exercício docente, que não raro contribuem para o sofrimento mental e o “Burnout.

Os professores, de acordo com o ciclo da carreira profissional, podem apresentar diferentes comportamentos, ações e atitudes que caracterizam uma etapa da sua trajetória profissional. Ao mesmo tempo, as percepções quanto à sobrevivência na carreira, aceitação por parte do grande grupo, condições de trabalho e oportunidades futuras, podem ocasionar tanto um mal-estar como um bem-estar-docente (JESUS, 2002), suscitando aspectos relevantes na qualidade de vida e do seu trabalho.

Já para Molina e Santini (2005) ao comentar a falta de realização profissional, a mesma tem se manifestado em momentos que as pessoas se sentem infelizes e insatisfeitas, consigo mesmas e com seu desenvolvimento profissional. No coletivo docente dos professores de Educação Física, as características do trabalho e os sentimentos que se manifestam, parecem ser os principais elementos que favorecem o desenvolvimento da Síndrome de Burnout, onde se exige o envolvimento afetivo com os alunos, há também um grande desgaste e diante de situações extremas alguns professores não agüentam e acabam por desistir.

Essa situação é agravada pelo fato de que o professor depara, freqüentemente, com a necessidade de desempenhar vários papéis contraditórios que lhe exigem manter um equilíbrio muito instável em vários terrenos [...]. A acelerada mudança do contexto social acumulou as contradições do sistema de ensino. O professor, como figura humana desse sistema, queixa-se de malestar, cansaço, desconcerto (ESTEVE, 1999, p.31-32).

Por sentir-se frustrado e esgotado, o professor encontra-se, internamente, incapaz de estabelecer melhores relações com seus alunos. Contudo, esse fato pode estar refletindo um processo, uma situação dramática que enfrentam muitos professores de Educação Física. Tem-se tornado um fato comum nos encontros, congressos, simpósios e seminários, manifestações de descontentamento com relação à Educação Física Escolar (SORIANO; WINTERSTEIN, 1998). Em especial, quando o assunto se refere ao conteúdo, competência profissional dos professores, perspectivas técnicas (atualização e especialização) e profissionais (progressão na carreira), entre outros. Pode-se listar, ainda, as incertezas com relação a aspectos didáticos específicos do componente curricular; metodologia de ensino apropriada; objetivos educacionais característicos; e, até mesmo, os conteúdos e dúvidas sobre o que ensinar. A Educação Física Escolar tem sido alvo de várias críticas, desde a década de 80, sobretudo com relação ao seu papel na escolarização. Deve-se ressaltar que a maior parte das críticas continham manifestações e inquietações relativas a aspectos políticos e sociais, bastante pertinentes, sobretudo considerando-se a época em que foram escritas. Apesar disso, pouco foi feito na direção de precisar o que deveria fazer parte, concreta e especificamente, do desempenho profissional do professor de educação física.

Ademais, a violência física e verbal, baixos salários e, conseqüentemente, jornada de trabalho duplicada, salas de aula superlotadas e más condições de higiene são as situações que os docentes têm exercido seu ofício. Em função desse quadro adverso, doenças como estresse, depressão, síndrome do pânico e de *Burnout* - quando o profissional, motivado pela estafa física e mental, desenvolve uma relação apática com o ofício - têm atingido um número cada vez maior de professores.

Mello e Ferraz (2007) pontuam, que trabalhar com a Educação Física escolar não é uma tarefa fácil, exige saberes específicos, disposição, força de vontade, criatividade e flexibilidade. A situação se complica um pouco quando se fala em ensino médio, somente quem já trabalhou com esta etapa da escolarização sabe o que é lidar com turmas heterogêneas, no que concerne ao desenvolvimento físico e motor; turmas desmotivadas à prática de atividades físicas; e ao baixo status da disciplina perante a comunidade escolar.

Na escola, o desenvolvimento/aperfeiçoamento de habilidades/competências que levam ao domínio destas práticas é encarado como o objetivo principal da Educação Física, estabelecendo uma questão problemática: a disciplina ocupa-se muito do fazer, executar, ser capaz de, e se esquece dos princípios e finalidades que a definem (MELO e FERRAZ, 2007).

[...] como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998, p.29).

Em outras palavras o desenvolvimento/aperfeiçoamento de habilidades/competências, embora deva ser entendido como um dos objetivos da Educação Física na escola, não é o único a ser perseguido no ensino das práticas corporais.

Segundo Betti (1991) a disciplina também não tem considerado os princípios da não-exclusão e da diversidade. Quando não oportuniza a todos os alunos a vivência de uma dada prática corporal, a Educação Física os exclui, ferindo o princípio da não-exclusão. Por outro lado, quando não admite diferenciadas formas de executar uma mesma atividade, a Educação Física fere o princípio da diversidade, ignorando os conhecimentos pré-existentes do aluno. Com essa prática, a disciplina não permite aos sujeitos da aprendizagem estabelecer relações entre o conteúdo proposto e os conhecimentos já adquiridos por eles.

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. [...] É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-la e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente (BRASIL, 1997, p.28).

Alguns estudos mostram que, sobretudo na última década, diversas instituições públicas e privadas implantaram horas para o desenvolvimento das atividades de preparo de aulas, de correção de trabalhos de alunos, apoio aos alunos nas atividades extracurriculares e de formação em serviço para os próprios professores. Essas atividades ligadas ao currículo das escolas, feitas fora da sala de

aula e da presença de alunos, recebem nomes e organizações diversas nas redes de ensino: Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), horas-atividade individuais ou coletivas, realizadas nas escolas ou em ambientes de escolha dos professores. Nos demais países, essa carga horária de trabalho não-instrucional tem sido estimada entre 10% e 50% da semana de trabalho. Na Espanha, por exemplo, para 890 horas anuais de ensino os professores têm um acréscimo de 494 horas para o desempenho de outras atividades, o que significa um acréscimo de cerca de 9 horas semanais, em média, na educação primária. No que tange às horas relacionadas ao ensino propriamente dito, o Brasil tem, por Lei (9.394/96), a definição de 200 dias letivos por ano, ou seja, 4 horas em média por dia, num total de 800 horas/ano para toda a educação fundamental e média. Essa não é a média dos países europeus, cuja carga tende a decrescer nas séries finais do ensino fundamental.

Evidentemente, tal situação tem a ver com outras condições de trabalho, como as relacionadas a salário, por exemplo, tendo em vista o número de escolas em que trabalham e o número de horas/aula que assumem, sobretudo para os professores que atuam nas séries finais do fundamental e no ensino médio, que às vezes trabalham várias jornadas em redes diferentes de ensino. Os professores das séries iniciais, em alguns locais, ainda dobram a jornada assumindo carga horária em escolas de redes públicas diferentes – estadual e municipal – ou em escolas públicas e privadas. Vale frisar que alguns professores de Educação Física, além da jornada pedagógica escolar, trabalham em academias, clubes entre outras atividades fora da escola. Sobrecarregando-os e, dessa forma, ficando vulnerável ao esgotamento profissional.

Outra faceta ligada diretamente às condições de trabalho diz respeito ao tamanho das turmas com as quais os professores devem trabalhar. Com base em dados verificados nos indicadores divulgados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), há pistas de que as classes menos numerosas sejam as que conseguem melhores resultados, sobretudo na educação pré-primária e primária. Porém tais dados devem ser examinados levando-se em conta outros elementos acerca de seleção e organização do currículo, procedimentos de ensino e atendimento aos alunos.

No Brasil, verifica-se uma queixa constante dos professores quanto a esse aspecto. Em muitos locais em que foi feita a reorganização das escolas da rede

pública houve situações de algumas formarem turmas excessivamente numerosas, contando com a evasão de alunos para atingir uma composição numérica mais equilibrada.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Atualmente, tem-se buscado informações sobre a vida do professor em diversas dimensões, as quais dizem respeito principalmente à prática cotidiana dos professores, e a forma de identificar fatores, que de uma forma ou outra, vêm interferindo no seu desempenho profissional, resultado de razões sociais e pessoais. É sabido que a categoria profissional em pauta tem sofrido ao longo dos anos um lento e crescente processo de desvalorização tanto monetária quanto de status social.

Dessa forma, trouxemos como problema central de pesquisa a Síndrome de Burnout e como ela se manifesta em professores de Educação Física do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Pelotas.

Este estudo configurou-se como uma investigação de caráter qualitativo e quantitativo, a qual foi desenvolvida no Ensino Médio da Rede Estadual de Pelotas, mediante uma pesquisa descritiva e exploratória. A pesquisa foi realizada em 17 Escolas Estaduais, onde se encontrou um universo de 28 professores de Educação Física do Ensino Médio. Entre estes, 5 professores desempenham a função docente em o mais de uma escola do estado, tendo a carga horária distribuída entre elas. Cabe salientar, também, que entre os sujeitos pesquisados 2 professores se encontravam afastados por motivo de doença. Não estão incluídos nesta amostra professores da zona rural, da mesma forma em que não foram incluídas as escolas de outras cidades da zona sul, que fazem parte da 5ª Coordenadoria de Educação do RS.

5.1 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Para Triviños (1987) a coleta de dados é indispensável para o pesquisador, por favorecer o surgimento de novas hipóteses na investigação. Diante desse fato, a flexibilidade para conduzir o processo da pesquisa contemplará um conhecimento aprofundado do fenômeno a ser investigado, permitindo, ainda, uma ampla visão das circunstâncias que irão se apresentar no decorrer da coleta de dados sobre o tema em questão.

A fim de melhor esclarecer o processo de coleta de dados optamos por estabelecer dois momentos distintos:

A) Primeiro Momento: foram pesquisados os professores de Educação Física da rede Estadual do Ensino Médio, buscando informações a respeito de suas práticas cotidianas e dos fatores que interferem no seu desempenho profissional.

Buscamos informações sobre os dados demográficos dos professores, nomeadamente sobre sexo, idade, estado civil, formação acadêmica, anos de docência em Educação Física, tempo de serviço no Magistério Público Estadual, carga horária de trabalho semanal na instituição entre outras funções remuneradas.

A coleta de dados se processou no local e período de trabalho dos sujeitos, em ambiente, calmo e tranqüilo, quando os professores foram instruídos a responderem de acordo com as aulas de Educação Física, devendo ser a resposta a mais sincera possível. Todos tiveram suas identidades preservadas.

A aplicação do instrumento de pesquisa se desenvolveu no período compreendido entre os meses de setembro a novembro de 2009 e contou com apoio das coordenações e direções das diferentes escolas pesquisadas. Todos esclarecimentos a respeito da pesquisa foram fornecidos pelo pesquisador às respectivas direções e coordenações.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o **Maslach Burnout Inventory (MBI)**: O MBI é um questionário de auto-informe para ser respondido, sendo o instrumento mais empregado internacionalmente, adaptado e traduzido para diversos idiomas, inclusive para o Português. Não se tem notícia de instrumentos validados e em comercialização para avaliação institucional do Burnout. O questionário é constituído de 22 itens, compostos de enunciados propostos, cada um acompanhado de uma escala do tipo Likert de sete pontos, indo de “0” como “nunca” a “6” como “ todos os dias”. De seus 22 itens, 9 são relativos à

dimensão **Exaustão Emocional (EE)**, 5 à **Despersonalização (DE)** e 8 à **Realização Profissional (RP)**. Considera-se em Burnout uma pessoa que revele altas pontuações em EE, acima de 26 pontos e apresentando acima ou 9 pontos em DE, associadas a 33 pontos baixos em RP.

A Utilização do instrumento se dá por constituir-se numa escala específica e por ser a mais amplamente empregada em investigações sobre o Burnout.

Este instrumento foi desenvolvido, especialmente, para demonstrar a freqüência e a intensidade com a qual o esgotamento profissional é percebido entre as pessoas que desenvolvem atividades profissionais relacionadas com cuidados de saúde e educação.

Enfatiza-se que Codo (1999) realizou uma pesquisa pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB, contou com uma equipe de 15 pesquisadores, quatro coordenadores regionais e algo em torno de 100 aplicadores treinados em todo o país e responsáveis pela observação in loco de cada uma das 1.440 escolas e pela aplicação coletiva de um protocolo composto por 15 escalas de investigação sobre trabalho e relações sociais, 7 escalas clínicas, 1 de burnout, 1 de alcoolismo, além de dados objetivos sobre a vida e trabalho.

O autor comenta:

Trata-se do primeiro estudo nacional, exaustivo abrangente, sobre saúde mental e trabalho de uma categoria profissional realizado no Brasil, e o mais extenso (quer pelo espectro de variáveis investigadas, quer pelo número de sujeitos e organizações de trabalho envolvidos) de que se tem notícia no mundo” (CODO, 1999, p.9).

Nascimento, Moreira, Farias e Colett (2008), ao analisarem a incidência da Síndrome de Burnout em professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de São José (SC) e sua possível influência na prática pedagógica, Confrontou as médias com os escores propostos pelo GEPEB, observou-se que os escores foram muito superiores aos apresentados nas dimensões EE e DE. Em relação à dimensão RP, o valor obtido foi bastante inferior. A análise pormenorizada dos resultados possibilitou verificar a incidência de Burnout em quatro professores, que apresentaram as dimensões correspondentes aos valores de referência indicados pela literatura.

De acordo com Benevides-Pereira (2001), os níveis de Burnout diferem de cultura para cultura. Investigações efetuadas em diferentes nações têm

demonstrado resultados diversos, indicando variações não só quanto à cultura, como também para categorias profissionais e características relativas ao trabalho evidenciando a necessidade de estudos particularizados para cada população.

Para medir o grau de esgotamento experimentado pelos professores, utilizou-se o MBI – Maslach Burnout Inventory (MASLACH & JACKSON, 1986 apud BENEVIDES-PEREIRA, 2001) o qual fornece escores em três sub-escalas:

Exaustão Emocional (EE): caracterizada por falta de energia e entusiasmo, por sensação de esgotamento de recursos ao qual pode somar-se o sentimento de frustração e tensão devido ao contato diário com os problemas de ambiente escolar, percepção da falta de condições de responder com mais energia para o atendimento aos alunos ou demais pessoas, como antes (9 itens).

- Questão nº1 - Sinto-me esgotado/a emocionalmente por meu trabalho?
- Questão nº2 - Sinto-me cansado/a ao final de um dia de trabalho?
- Questão nº3 - Quando me levanto pela manhã e vou enfrentar outra jornada de trabalho sinto-me cansado/a?
- Questão nº6 - Trabalhar com alunos o dia todo me exige um grande esforço?
- Questão nº8 - Meu trabalho deixa-me exausto?
- Questão nº13 - Sinto-me frustrado/a em meu trabalho?
- Questão nº14 - Sinto que estou trabalhando em demasia?
- Questão nº 16 - Trabalhar diretamente com alunos causa-me estresse?
- Questão nº 20 - Sinto que atingi o limite de minhas possibilidades?

Despersonalização (DE): caracterizada pelo desenvolvimento de uma insensibilidade emocional, que faz com que o professor trate os alunos, colegas e a organização de maneira desumanizada, com sentimentos e atitudes negativas; (5 itens).

- Questão nº 5 - Creio que trato alguns alunos como se fossem objetos impessoais?
- Questão nº 10 - Tenho me tornado mais insensível com as pessoas desde que exerço este trabalho?
- Questão nº11 - Preocupa-me o fato de que este trabalho esteja me endurecendo emocionalmente?
- Questão nº 15 - Não me preocupo com o que ocorre com alguns alunos?

- Questão nº 22 - Sinto que os alunos me culpam por alguns de seus problemas?

A reduzida Realização Profissional (RP): evidencia o sentimento de insatisfação com as atividades laborais que vem realizando, sentimento de insuficiência, baixa auto-estima, fracasso profissional, desmotivação, revelando baixa eficiência no trabalho. Por vezes, o profissional apresenta ímpetos de abandonar o emprego. (8 itens).

- Questão nº 4 - Posso entender com facilidade o que sentem meus alunos?
- Questão nº 7 - Lido de forma eficaz com os problemas dos alunos?
- Questão nº 9 - Sinto que me influencio positivamente a vida de outros através do meu trabalho?
- Questão nº 12 - Sinto-me com muita vitalidade?
- Questão nº 17 - Posso criar facilmente uma atmosfera relaxada para os meus alunos?
- Questão nº 18 - Sinto-me estimulado/a depois de trabalhar em contato com os alunos?
- Questão nº 19 - Tenho conseguido muitas realizações em minha profissão?

Weinberg e Gould (2001, p.510), apontam como características do Burnout, os seguintes aspectos:

- a) esgotamento tanto físico como emocional, na forma de perda de preocupação, energia, interesse e confiança; Despersonalização, vista como sendo impessoal e insensível. Essa resposta negativa aos outros é em grande parte devida ao esgotamento físico e mental;
- b) sentimentos de baixa realização.

B) Segundo Momento: Num segundo momento da pesquisa, foram entrevistados os docentes que apresentam sintomas ou características da Síndrome de Burnout .

Os valores tomados como referência para a continuidade da pesquisa foram usados tendo como referência aqueles desenvolvidos e apresentados pelo

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout (GEPEB), conforme quadro 1 (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Quadro 1 - Escala do MBI desenvolvida pelo GEPEB

Dimensão	Baixa	Média	Alta
Exaustão Emocional (EE)	15	16-25	26
Despersonalização (DE)	2	3-8	9
Realização Profissional (RP)	33	34-42	43

A partir do ponto de corte acima descrito, foram identificados três professores com a Síndrome.

As entrevistas foram estruturadas por questões orientadoras levantadas logo após os questionamentos iniciais (questionários) e foram realizadas pela pesquisadora principal, após um contato prévio com os professores participantes, os quais foram informados dos objetivos, metodologia e solicitação de autorização para gravação da entrevista.

As entrevistas conforme Triviños (1987) se caracterizam como um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados, pois valoriza a presença deste e oferece as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias para as respostas, enriquecendo a investigação.

Para trabalhar com as falas oriundas das entrevistas no momento da análise dos dados, fomos buscar na obra de Gattaz (1995 apud AFONSO 2003), a definição de *transcrição*. A autora se refere ao tratamento dado às entrevistas quando surge a necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição, continua a autora, há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal - que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja, termos que são bastante distintos quando falados ou escritos. Tendo-se, portanto, em mente que o código oral e o escrito têm valores diferentes, procura-se corrigir esta desigualdade através da *transcrição*.

5.2 CUIDADOS ÉTICOS

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, protocolo nº 046/2009 em 04 de agosto de 2009.

A participação dos docentes na investigação foi viabilizada a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (apêndice D), conforme a Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

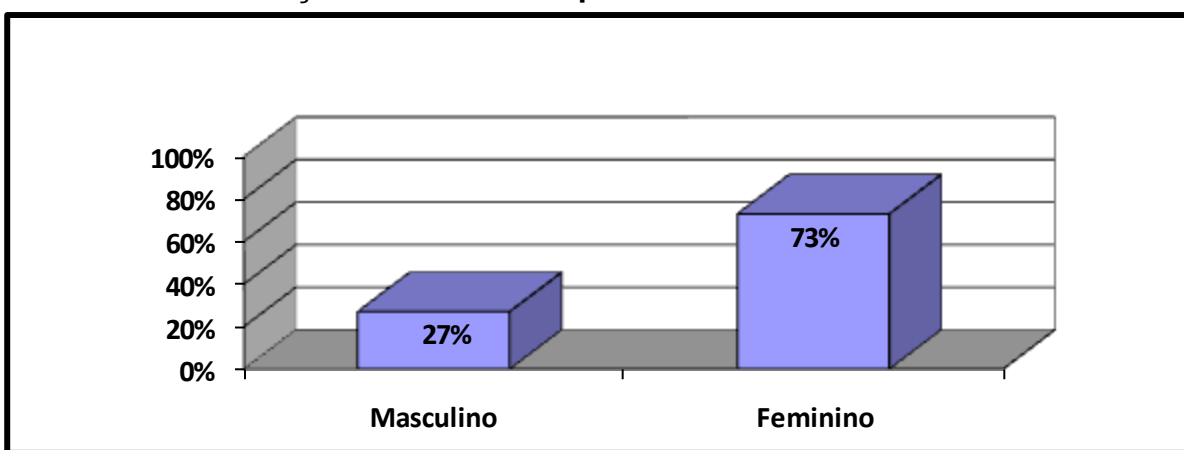
A identidade dos participantes e o sigilo das informações serão mantidos, evitando, assim qualquer tipo de constrangimento.

6 ANÁLISE DE RESULTADOS

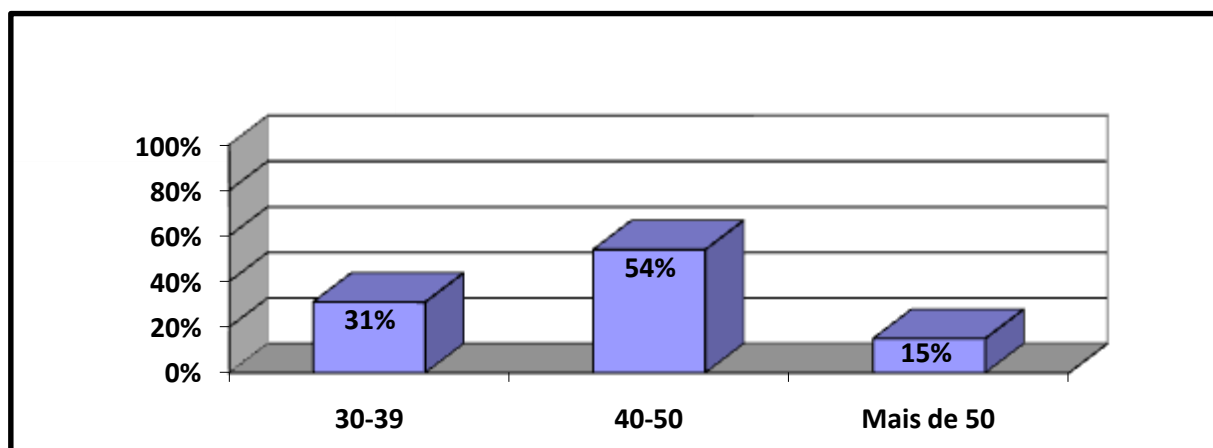
6.1 CATEGORIA 1 - Dados de identificação

A amostra do estudo foi composta por 26 professores do Ensino Médio Estadual da cidade de Pelotas. Desses, atuam entre 2 anos a 27 anos com a docência. Alguns professores tem disponibilizado um regime de trabalho que se distribui entre 20 a 60 horas semanais diretamente com o aluno. As turmas se constituem de um total de 20, 30 e até mesmo 40 alunos, por professor.

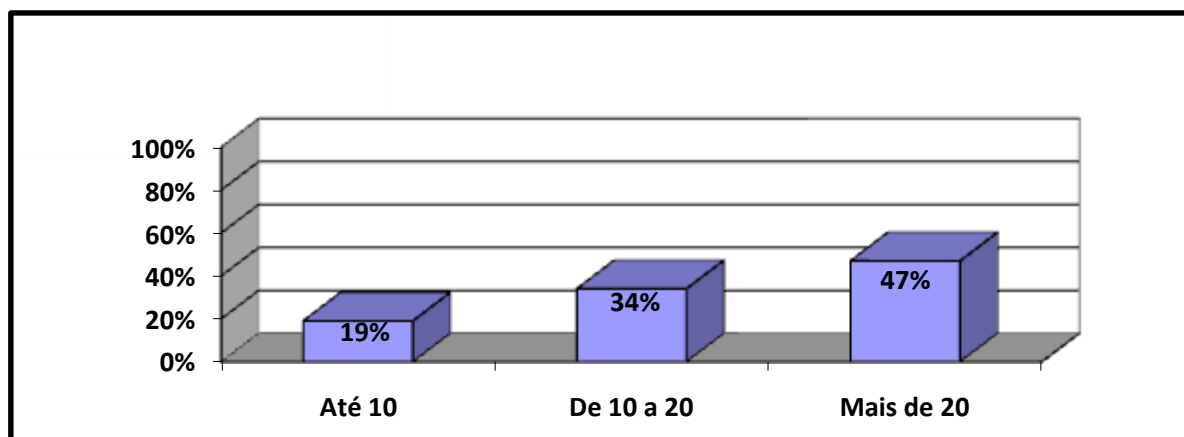
Gráfico 1. Distribuição dos Docentes por Gênero



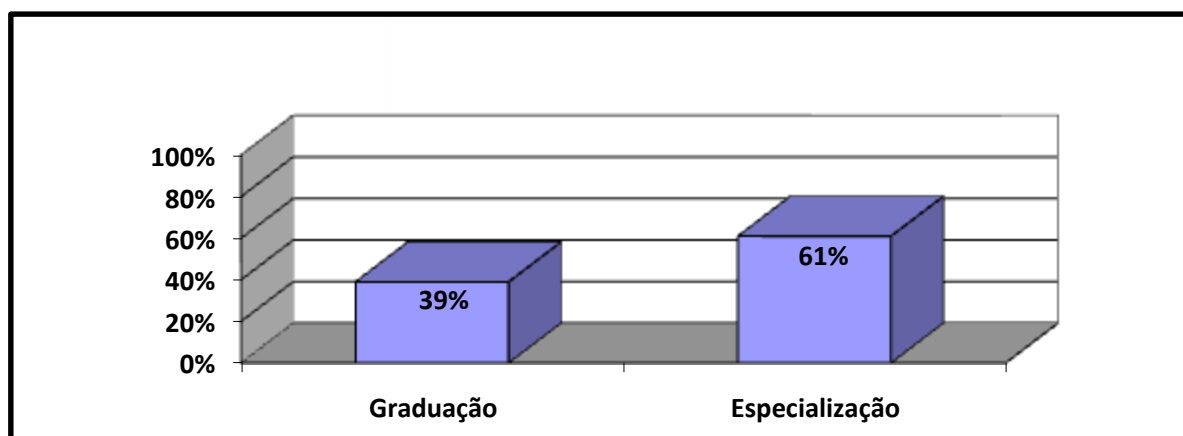
Desse total, quatro são do sexo masculino perfazendo um total de 27% da amostra, e vinte dois professores são do sexo feminino, dando um significativo percentual de 73% , conforme gráfico anterior.

Gráfico 2 - Distribuição dos Docentes por Idade.

Dos professores entrevistados, mais da metade (54%) tem idade entre 40-50 anos, e pouco mais de um terço (31%) são professores entre 30-39 anos e apenas 15% da amostra tem mais de 50 anos, conforme gráfico 2 acima explicitado.

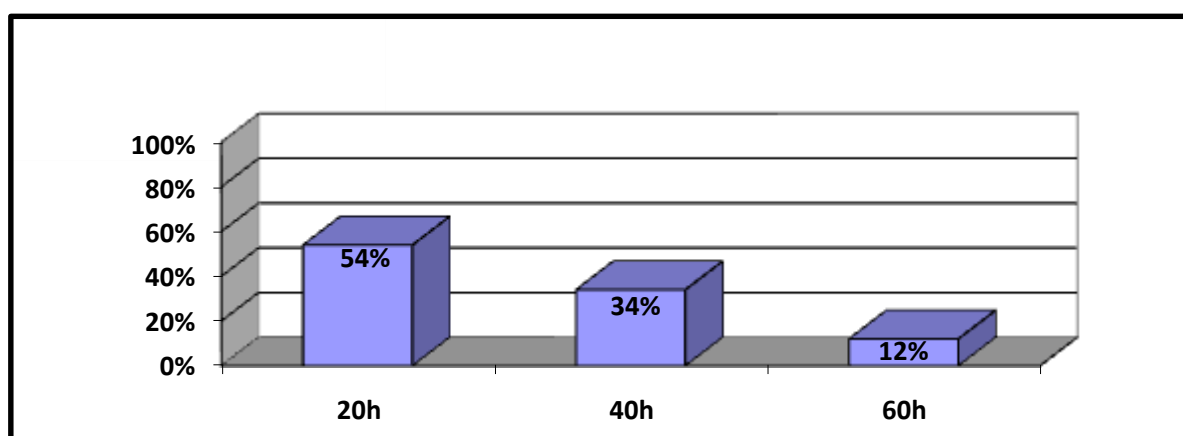
Gráfico 3 Distribuição por tempo de Docência

Nesta amostra (47%) representando quase a metade dos professores tinha mais de 20 anos de docência, e 34% dos sujeitos mais de 10 anos, sendo apenas 19% dos entrevistados possuíam até 10 anos de docência, conforme gráfico acima.

Gráfico 4. Distribuição dos Docentes por Formação

Dos professores pesquisados 39% apresentaram, escolaridade mínima para exercício da profissão. Enquanto 61% dos entrevistados apresentaram curso de especialização como formação continuada, conforme gráfico 4.

Segundo Benevides-Pereira (2002), pessoas com nível educacional mais elevado são mais predispostas ao Burnout, sendo que a maior perspectiva profissional ou maior nível de responsabilidade talvez possam justificar os níveis altos de EE e DE, porém a realização profissional pode estar relacionada ao status e ao reconhecimento que possuem as profissões de nível superior.

Gráfico 5. Distribuição dos Docentes por Carga Horária.

Do total dos entrevistados, de acordo com o gráfico 5, 54% cumprem uma carga horária de trabalho de 20 horas, 34% de 40 horas, e apenas 12% cumprem uma carga de 60 horas, de acordo com o gráfico 5.

Um dos fatores que contribui para a possibilidade de aquisição da Síndrome de Burnout é o aumento da carga horária de trabalho, já que o professor ao assumir uma carga horária de 40 horas, sente-se exausto, pois o mundo da escola e o contato com o aluno, além das várias tarefas extras que fazem parte da docência, conseqüentemente o tempo de dedicação à profissão docente torna-se maior que tempo para sua vida particular.

6.2 CATEGORIA 2 - Relação entre dados de identificação e instrumento de investigação

De acordo com modelo de análise prévio, examinou-se a **relação entre dados de identificação e instrumento de investigação (MBI)**, considerando o instrumento utilizado, **Exaustão Emocional (EE) – Despersonalização (DE) – Realização Profissional (RP)**, tanto relacionadas ao processo de trabalho, quanto às sociodemográficas, procurando uma relação entre os dados.

Percebe-se, pelos gráficos abaixo que nas três categorias apresentadas, os sujeitos da pesquisa apresentaram alguma incidência, ou seja, todos os professores pesquisados apresentaram algum sintoma da Síndrome de Burnout.

Apresentamos a seguir dados em percentuais dos professores pesquisados, onde mais da metade (58%) apresentaram um alto índice de exaustão emocional, 38% apresentaram índices baixo e médio de despersonalização, e quase dois terços (62%) desses professores apresentaram baixa realização profissional de acordo com o Quadro 2.

Quadro 2 – Síntese dos resultados gerais dos professores investigados

Dimensão	Baixa	Média	Alta	N
Exaustão Emocional (EE)	15,4%	26,9%	57,7%	100%
Despersonalização (DE)	38,4%	38,4%	23,2%	100%
Realização Profissional (RP)	61,6%	38,4%	0,0%	100%

Quanto à primeira dimensão avaliada: Exaustão Emocional, foram encontrados os seguintes resultados: dos 26 sujeitos avaliados, 57,7% apresentam alta exaustão emocional, 26,9% apresentam esgotamento emocional médio e 15,4%

apresentam baixo esgotamento. A dimensão **Exaustão Emocional (EE)**, apresentou índices altos em relação a todos apresentados no gráfico, o que pode estar causando sintomas de esgotamento e frustração.

Ao que se refere à **Despersonalização** do sujeito; 38,4% dos sujeitos apresentam baixo índice de despersonalização, o mesmo resultado foi encontrado com os sujeitos que se encontram no índice médio de despersonalização, correspondendo os mesmos 38,4%. Dos entrevistados 23,2% apresentam alto índice de despersonalização. Sabe-se que esta dimensão (**DE**) manifesta-se através de atitudes negativas como o tratamento depreciativo, atitudes frias e distantes e desinteresse com relação aos problemas dos alunos.

A última dimensão avaliada se trata do sentimento de **Realização Profissional** do sujeito. Os sujeitos que têm baixo grau de realização profissional, correspondem a 61,6% dos entrevistados; 38,4% dos sujeitos apresentam médio grau de realização profissional e nenhum profissional apresenta alta realização profissional.

Para Gil-Monte (2002), a classificação alta em **EE** reflete a incidência da síndrome. O autor acredita que a síndrome se inicia por essa dimensão que, posteriormente, causa a despersonalização, como uma defesa para amenizar a exaustão ou o esgotamento emocional, levando ao sentimento de baixa realização pessoal no trabalho e ao baixo envolvimento pessoal. Para Rossi (2003), o profissional que sofre de *Burnout* apresenta exaustão física e mental, sente-se sem recursos para dar continuidade aos seus projetos, relata forte cansaço, desencadeando problemas emocionais e de relacionamento na vida pessoal e profissional.

Durante a análise dessa população, percebeu-se quão frágil encontra-se o trabalho docente estadual na nossa cidade, principalmente na área da Educação Física, visto que esses profissionais estão cada vez mais vulneráveis a exaustão profissional em virtude do contato direto com os alunos e também pelas condições oferecidas pelas escolas. Contudo, alguns professores demonstraram satisfação na relação com o trabalho.

Um dos principais problemas enfrentados no trabalho docente, mais especificamente dos professores de Educação Física do Ensino Médio da Rede Estadual da cidade de Pelotas são as doenças laborais.

Na compreensão de Wisner (1994), todas as atividades, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Ao aspecto físico equivale ao esforço físico necessário a cumprimento da tarefa; ao cognitivo, os processos de tomada de decisão; e ao psíquico, o conflito produzido pelos constrangimentos gerados na organização técnica e social do trabalho. Embora a atividade docente seja considerada numa divisão social do trabalho, como intelectual, ela é composta das cargas existentes em outros tipos de atividades semelhantes ou não a ela.

Levando-se em conta as diversas responsabilidades que fazem parte da rotina do professor, (MOLINA e SANTINI 2005), observam em termos gerais a realidade do magistério, defendendo que o nível de satisfação profissional do professor de Educação Física pode aumentar de várias formas. Dentre as situações que o professor encontra no ambiente da escola, podemos citar os contatos profissionais, com colegas, pais e os próprios alunos e ainda o prazer em ministrar sua disciplina, em ambiente adequado, os resultados desenvolvidos pelas equipes esportivas, o reconhecimento de sua importância no ambiente de trabalho, e a viabilidade de ser responsável por postos importantes na escola.

Reforçando o que dizem Molina e Santini (2005), Burnout é um estado de estresse crônico e para chegar ao estado de uma síndrome, o organismo emite várias alertas e busca combater ou compensar, quando é vencido cronifica-se o estresse, como uma síndrome, que pode desembocar em doenças físicas, psicossomáticas, psíquicas ou sociais.

Outros dados que devem ser levados em consideração diz respeito ao perfil profissional e as questões de gênero e trabalho docente para o Burnout. De acordo com Benevides-Pereira (2002), não existe concordância quanto à possibilidade de maior incidência de Burnout no que diz respeito ao sexo. As mulheres têm apresentado maior pontuação em Exaustão Emocional e os homens em Despersonalização. Tal situação pode ser analisada ainda pela característica social e cultural dos homens, que segundo a autora não foram educados a demonstrar seus sentimentos. Após níveis altos de estresse estes tendem a reagir de forma inadequada, através da Despersonalização.

Segundo a apresentação dos dados que se seguem no quadro 3, percebe-se que, quanto ao sexo masculino, todos os sujeitos pesquisados apresentaram algum sintoma da síndrome de Burnout.

Quadro 3 – Dados referente aos professores do sexo masculino

	Baixa	Média	Alta
Exaustão Emocional (EE)	0,0%	16,6%	83,4%
Despersonalização (DE)	16,6%	33,4%	50,0%
Realização Profissional (RP)	83,4%	16,6%	0,0%

Segundo estudos de Farber (apud BENEVIDES-PEREIRA, 2001), os professores do sexo masculino são mais vulneráveis que os do sexo feminino, em razão das mulheres possuírem um perfil mais flexível e reagem melhor as pressões constantes do dia-a-dia profissional.

Segundo o quadro acima, o qual se refere à **Exaustão Emocional**, 83,4% dos professores apresentaram alto índice, e 16,66% apresentaram médio índice. Nenhum sujeito entrevistado apresentou baixo índice de Exaustão Profissional.

Em termos de **Despersonalização**, houve um percentual de 50,00% para os sujeitos com alto índice; 33,4% para os que apresentam médio índice, e 16,6% constituem o grupo de baixo índice de despersonalização.

Já ao que se refere à alta **Realização Profissional**, nenhum sujeito demonstrou estar plenamente realizado com a profissão, dos sujeitos que se revelam com um percentual de 16,6% afirmam uma realização mediana, enquanto que 83,4% se demonstraram com o índice baixo de realização.

Resgatando o que diz Codo (1999), a distinção homem-mulher foi se tornando possível através da divisão do trabalho na história da humanidade. Até alguns anos atrás, era comum encontrarmos mulheres em afazeres domésticos, cuidando da casa, de seus filhos e cônjuge, enquanto o homem tinha a obrigação de “ganhar a vida”. Hoje, os tempos mudaram, a entrada da mulher no mercado de trabalho se deu em detrimento de suas habilidades construídas ao longo da história, se “cuidar” era sua especialidade e dever em virtude disso as profissões que delegam o cuidar foram as primeiras a receber o grande volume de mulheres.

“Educar, mesmo que profissionalmente, também é sinônimo de profissão feminina” (CODO, 1999, p.62).

Quadro 4 – Dados referente aos professores do sexo feminino

	Baixa	Média	Alta
Exaustão Emocional (EE)	20,0%	30,0%	50,0%
Despersonalização (DE)	45,0%	40,0%	15,0%
Realização Profissional (RP)	35,0%	45,0%	20,0%

Já ao que se refere ao sexo feminino, no quadro 4, percebe-se que todos os sujeitos pesquisados apresentaram algum sintoma da síndrome de Burnout. A metade das mulheres que compõe a amostra apresentou **alta EE** totalizando o percentual de 50,0%. As mulheres que se encontram na **média de EE** é de 30,0%. e o percentual de 20,0% corresponde ao número de mulheres como **baixa EE**.

Os valores encontrados sobre **Despersonalização** foram 15,0% para as que estão enquadradas no **alto** grau, 40,0% para as que se encontram na **média**, e 45,0% para aquelas que têm **baixo** grau.

As mulheres que apresentam alta **Realização Profissional** correspondem à 20,0% da amostra. Já o valor de 45,0% apareceu nas professoras que apresentavam média realização profissional. A baixa realização profissional atingiu um percentual de 35,0% das mulheres entrevistadas.

Observa-se que a dimensão **Exaustão Emocional** aferida pelo MBI apresentou predominância de classificação alta 50,0% para sujeitos do sexo feminino. Segundo a autora, a elevação da **EE** no sexo feminino poderia ocorrer pela dupla jornada de trabalho: a profissional e a do lar, papéis exercidos pela mulher

Importante lembrar que a entrada, cada vez maior, da mulher no mercado de trabalho, além da profissionalização de reprodução da força de trabalho, junto à conscientização das mulheres em relação aos seus direitos e suas reais diferenças são conquistas importantes, as quais mostram uma nova mulher no mercado, mais confiante e competente de suas capacidades. Outro fator extremamente importante diz respeito ao fato da mulher compor cada dia que passa, com mais ênfase, a renda familiar com sua força de trabalho.

Através da luta empreendida pelos movimentos feministas, como querem alguns, ou por necessidades econômicas, como insistem os mais realistas, ou ainda pela combinação destes dois fatores, o quadro vem mudando rapidamente nos últimos anos. A entrada veloz da mulher no mercado de trabalho, a profissionalização da reprodução da força de trabalho, a conscientização das

mulheres sobre seus direitos e sobre suas diferenças, tudo isso vem colocando em destaque a velha divisão entre gênero e trabalho.

Com isso dito, questões, antes vistas como um problema feminino de trabalho, passam gradativamente a ser um problema da categoria.

Tal situação é tão verdadeira que a jornada de trabalho, tão questionada, acaba não sendo privilégio das mulheres. Cada vez mais homens e mulheres se vêem divididos entre as atividades profissionais e do lar, tendo que se organizar entre duas fortes demandas.

Quadro 5 – Referente aos professores com Idade acima de 40 anos

	Baixa	Média	Alta
Exaustão Emocional (EE)	58,33%	16,66%	25,00%
Despersonalização (DE)	16,66%	33,33%	50,00%
Realização Profissional (RP)	83,33%	16,66%	0,00%

No quadro 5, fica evidenciado que os professores com idade acima de 40 anos apresentaram algum sintoma da síndrome de Burnout.

Com relação a **EE**, quando perguntados sobre como se sentiam emocionalmente em relação ao seu trabalho, 25% estes disseram sentir-se muito exaustos; e 16,66% estavam na média de exaustão, já 58,33% se diziam sentir-se pouco exaustos emocionalmente.

Ao se referir a **DE**, metade dos entrevistados se consideram com um alto grau de despersonalização, totalizando o percentual de 50,00%. Os profissionais que se encontram na média, correspondem á 33,33%, e os 16,66% apresentam baixo grau de despersonalização.

Para os aspectos relacionados a **RP**, os valores foram bastante altos, já que 83,33% dos sujeitos encontram-se em estado de baixa realização profissional, os outros 16,66%, estão na média de realização profissional, e 0,00%, ou seja, nenhum entrevistado encontra-se em estado de alta realização profissional.

Já ao que se refere aos professores com mais de 40 anos, percebe-se que todos os sujeitos pesquisados apresentaram algum sintoma da síndrome de Burnout. No entanto, ficou claro que os sintomas apresentam maior prevalência nessa faixa etária.

Quadro 6 – Dados referente aos professores com idade igual ou menor de 40 anos

	Baixa	Média	Alta
Exaustão Emocional (EE)	37,5%	37,5%	25%
Despersonalização (DE)	25%	50%	25%
Realização Profissional (RP)	50%	37,5%	12,5%

Conforme quadro 6, dos professores entrevistados, 25% apresentaram um alto índice de Exaustão Emocional, 37,5% apresentaram índice médio e 37,5% desses professores apresentaram baixa Realização Profissional.

Os resultados encontrados para a categoria Despersonalização foram de 25% com alto grau, 50% com médio grau e 25% com baixo grau.

Ao se tratar de Realização Profissional, 12,5% dos sujeitos dizem estar altamente realizados profissionalmente, 37,5% acreditam estar medianamente realizados profissionalmente e 50% dizem estar pouco realizados profissionalmente.

Conforme relata Carlotto (2001) em seus estudos, professores com menos de 40 anos apresentam maior risco de incidência de exaustão emocional, pois o profissional jovem precisa aprender a lidar com as questões de trabalho

Pode-se, também, perceber que a exaustão docente, sob uma visão psicológica e psicossocial, pode levar ou não ao estresse e ao *Burnout* entre professores. A análise do fenômeno sob esse ponto de vista também é feita por Jesus (2001), quando diz que nem todos os professores padecem de estresse. Para tanto, Jesus afirma que apesar de um grande número estar desmotivado, muitos também estão altamente motivados

Para Benevides-Pereira (2002 apud SANTINI e MOLINA 2005), a sobrecarga de trabalho dos professores de Educação Física se constitui em uma das variáveis fundamentais predisponentes ao esgotamento profissional. O trabalho do professor se estende, várias vezes, além da sala de aula, e nem por isso há uma compensação financeira ou mesmo o reconhecimento social merecido.

Santini (2004), ainda colabora quando comenta, as características do ambiente de trabalho como fator desencadeante de sofrimento mental. Outro dado relevante diz respeito à multiplicidade de papéis que os professores desempenham no contexto das escolas, por exemplo: de pai, de substituindo professores de outra disciplina, de médico, de orientador psicológico ou, até mesmo, de policial, devido à violência e à insegurança encontrada dentro e fora do contexto escolar. Além de

ministrar as aulas propriamente ditas, os professores exercem outras funções na escola.

Essa nova situação que se insere no contexto escolar nos últimos anos, segundo Esteve(1999), têm gerado responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação social, o qual tem refletido no papel do professor.

6.3 CATEGORIA 3 - Identificação e análise dos professores que apresentam Síndrome do Burnout

A fim de resgatar o segundo eixo da pesquisa, o qual trata de identificar os professores de Educação Física que apresentam a **Síndrome do Burnout** foi feita a contextualização, através das falas, sobre suas trajetórias de vida na escola com todas as contradições docentes vivenciadas no mundo do trabalho. Tendo como referência as categorias de Maslachs e Jackson (1996), utilizada neste estudo.

Para melhor compreensão do texto, optamos por apresentar, esta categoria dividindo, em três nos eixos:

Primeiro Eixo: Exaustão Emocional

A vida moderna tem promovido aos professores de Educação Física, uma precária qualidade de vida, já que, entre outras funções, tem uma carga horária elevada de trabalho para corresponder as necessidade básicas de uma vida digna, para si e para sua família, extrapolando, desta forma, as condições ideais de qualidade de vida (NAHAS, 2006).

Esteve (1999) aponta os principais fatores que provocam diretamente na ação do professor e que acabam por gerar tensões de caráter negativo no exercício docente como: recursos materiais, condições escolares, o esgotamento docente e o acúmulo de exigências sobre o professor, facilitando o absenteísmo trabalhista e conseqüentemente o abandono da profissão docente.

A exaustão do profissional da educação dá-se em diversos momentos, mas é importante observar que a recorrência da doença aparece com mais intensidade após os primeiros dez anos de docência. Os docentes estão sendo denominados Prof: A;B;C respectivamente a fim de preservar sua identificação.

Para Tamayo e Tróccoli (2002), a **EE** é a dimensão aceita com facilidade pelo profissional e expressa aspectos consistentes do *Burnout*. Este dado pode ser confirmado pelos resultados dessa pesquisa e as informações orais relatadas auxiliam na compreensão da dimensão exaustão emocional.

Prof: A:

Sinto-me esgotada muitas vezes por semana, meu salário é baixo, não tenho prazer, não tenho lazer, não viajo, não visto bem. Talvez por que tenho muito tempo de serviço ,também ,que me canso facilmente, trabalhei no pátio por 26 anos, ao ar livre, praças, quadras, no sol, vento, desgasta a pele a voz...

Prof: B

De uns tempos pra cá, eu comecei a imaginar que eu teria a possibilidade de ir para outros caminhos.. Acho que, não sei, que começou a passar o tempo, que eu era a mais tempo formada, acho que até uns cinco anos mais ou menos, para mim era tudo bom, tudo maravilhoso. O meu salário era ótimo, eu tinha tudo que era condições de trabalho. Mudou um pouco. Mas eu também já não tinha bola, eu também , não tinha tanto problema com pais .. Meu salário também era baixo. Mas era tudo bom.

Para Nóvoa (2002), entre 8 e 15 anos de docência ocorre a fase do desequilíbrio no sentido profissional, isto é, o cansaço e a saturação, os quais invocam diversas dificuldades de manifestações generalizadas de insatisfação com o trabalho(1995, p.164)

Prof. B:

Eu tenho dez anos de Estado. Nesse governo agora sim... é hã a coisa piorou mesmo, dela botar quarenta alunos numa sala de aula. A gente não sabe quem atende primeiro. Hoje em dia eu, não consigo montar uma aula e dar uma aula. E fico mais ou menos controlando, se não vão se dale pau, se tão na rua, se não tão destruindo, algo...

Prof. A:

Que tem vínculo com a Educação, e aí eu te digo assim, não é que o sistema te vença, mais tu não tem aquela ideia inovadora, que tu vai fazer isso, que tu vai fazer aquilo. E aí tu começa a ter a noção que mesmo que tu não queira, tu tem que sofrer muito com isso,. E mesmo assim tu tem que manter aquela vontade de fazer alguma coisa..

Prof. B:

Depende da época, eu noto claramente assim, que até o meio do ano, eu consigo dá boa aula. Eu chego em casa, eu planejo aula tal turma eu tenho aula, tal dia, eu tenho que dar esse conteúdo, eu vou dar essa parte nesse dia,. faço tudo planejadinho, carrego meu planinho, e chega o dia, não dá.

Prof. C:

O trabalho do professor perpassa os muros da escola, ele leva para fora do espaço da escola, atividades que continuam além da hora escolar.

A concepção do professor ideal está impregnada em todos os setores da sociedade. É como se fosse possível exigir do professor que ingressa no magistério um certificado de garantia, como o de uma máquina que se compra, e mais, o de um objeto que nunca apresenta defeitos. Há um desejo velado, culturalmente introjetado, o de querer saber, com antecedência, o que vai ocorrer com o nosso destino, o que é contraditório com a nossa condição humana, de pessoas em constante processo de evolução, que incorpora, a cada dia, novas experiências, outras esperanças, outras possibilidades de inserir-se no mundo podendo satisfazer ou não as expectativas dos outros e as suas próprias (CODO, 1999)

Arroyo (2000) afirma que “todo ofício é uma arte reinventada que supõe sensibilidade, intuição, escuta, sintonia com a vida, com o humano” (2000, p..47). Diferente de muitas profissões, o trabalho do professor reveste-se de peculiaridades que não são levadas em conta.

O trabalho de professor é revestido de características tão peculiares que ele não pode se dar o luxo de sofrer, de ficar cansado. Um bom professor deve estar sempre disponível para atender aos seus alunos e aos pais deles, não pode se dar o luxo de ficar triste (CODO, 1999. p.98).

Nóvoa (2002) conclui que o final do século XX não trouxe à luz propostas coerentes sobre a profissão docente, acentuando, isto sim, as ambigüidades. Se, sob um ângulo, os professores são vistos com desconfiança e como profissionais medíocres, dotados de uma formação deficiente, sob outro, *são bombardeados com* uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural (1995). Em outra reflexão sobre o tema, Nóvoa (2002) destaca o fato de, na década de 1990,

em relação aos professores, terem se ampliados diversos processos de cunho excludente, *no* quadro de uma redefinição que tende a modificar as funções sociais e os papéis profissionais que lhes estavam tradicionalmente atribuídos (1995).

Profª A:

Aé, ai tu vê bááá, tu analisa muita coisa, tu coloca na balança e tu ve que sai sempre perdendo. Tu tem que tá sempre provando pros outros, que não é assim é assado, que não sei o quê. Aí tu vai olha, bá, tu não consegue, nem paga tuas contas direito no fim do mês. Isso tudo por 1.300 reais.

Codo (1999), considera que o professor na sua grande maioria ganha mal, o seu poder de compra acaba por não permitir sequer adquirir suprimentos de vida que lhe são básicos. Por outro lado, percebe-se que a maior parte dos professores vive em família, pois um grande número de docentes é casado ou vive com companheiro e a maior parte tem filhos. As altas despesas do cotidiano familiar acabam por tornar os baixos salários em mero fator de “sobrevivência”

O professor com seu tempo de serviço, percebe-se explorado pelo trabalho, o que acaba gerando uma falta de prazer com seu trabalho, e também em possibilitar um bom desempenho profissional, sendo dessa forma indiferente as mais variadas situações que possa vivenciar no cotidiano da escola.

O mesmo autor colabora, ainda, quando comenta, que o professor ganha mal, em muitos casos, apenas com o aquilo que recebe não arcar com as despesas básicas do mês, comparando seu salário ao de outros profissionais ,como engenheiros, analistas de sistemas, todos com curso superior como ele, percebendo que recebe bem menos.

De acordo com Odelius e Ramos (apud CODO, 1999), mesmo dentro da categoria docente, o professor não tem entre o seu trabalho e o seu salário uma relação clara entre esforço e conseqüência, ou seja, ele trabalha, dá aulas como seu colega, que, apesar de menos esforçado, recebe mais do que ele. Ou, ainda, trabalha e descobre que o professor da turma ao lado, que é mais dedicado, leva trabalho para casa, e não raras vezes tem seu salário menor que o seu.

Na pesquisa, percebem-se alguns dados que confirmam a relação entre questão salarial e Burnout. Podemos observar uma grande relação, principalmente, entre remuneração líquida recebida pelo professor e seu poder de compra com o Burnout. Embora não tão fortemente correlacionados os bens que o educador possui também se mostram influentes na despersonalização um dos fatores da síndrome

Prof. C:

E agora eu tenho uma carga horária menor e, eu me sinto mais esgotada, que quando eu trabalhava 40 horas. Se bem que tinha uma época que eu trabalhava 60. Só que naquela época talvez eu não era tão...As condições não era tão péssimas como é agora

Olha agora no mês passado mesmo, sem desconto nenhum. Porque eu não tava nem no PAC nem no geral. Porque eu não tenho filho, só os descontos básicos. Básicos do básico,

Prof. A:

Com o desconto juntando a complementação do Brito. Se eu juntar os três triênios que eu tenho nas matrículas e mais a história de pós graduação. Deve tá somando: 1.380, meu salário. É isso, somando assim: transporte mais alimentação, tudinho. Tudo que tem "direito",

Prof. B:

E hoje em dia chega um pai, e te cobra porquê que o filho dele não passou. A culpa é do filho dele, que não passa, não, a culpa é tua. E isso aí vai tudo vai te desgastando, te desgastando. Aí tu vai é, passando os anos. E tu não vê melhora, tu só vê piora. Tu chega num ponto que tu vai cansando assim, tu vai perdendo as esperanças. E isso começa não é só em termo de Educação Física, mas termo de profissional de assim de Licenciatura mesmo.

Percebe-se, através do diálogo acima, que a exaustão emocional nada mais é do que a expressão do sofrimento que os trabalhadores sentem quando não conseguem dar mais de si mesmo em nível afetivo. Esgotam-se a energia e os recursos emocionais próprios, sentindo-se exauridos emocionalmente. Esse sentimento, em termos práticos, faz com que o trabalhador, professor dedicado, sinta que os problemas que lhe são apresentados são muito maiores do que os recursos que tem para resolvê-los.

Profª C:

Quando volto em agosto, setembro eu até dou uma aulinha aqui ou ali, começo a estudar, mas não tem mais bola, e aí tu já que mais, tu começa a ficar cansado e não quer mais a aula, e aí eu noto que eu começo assim, eu olho e aí ah mas eu tenho que dá isso..

Segundo Eixo: Despersonalização

A imagem do professor de Educação Física, com a presença da despersonalização, traduz a uma figura do profissional cansado, desiludido com a

profissão, sem vontade de ensinar, não desejando o contato com seus alunos e conseqüentemente, implicando baixo nível de ensino aprendizagem. Ao sentir-se frustrado e esgotado, o professor encontra-se, internamente, incapaz de estabelecer melhores relações com seus alunos. Contudo, esse fato pode estar refletindo como um alerta ou uma situação dramática, enfrentadas por muitos professores de Educação Física.

Prof. A:

A escola como um todo, é aluno, é colega, é direção. Ninguém liga pra ti pra sabe, então tu tem a real noção que ninguém se importa. Tu ali, tu e tua vontade e deus. Tu tá te matando pra que? Gastando dinheiro com o médico, estragando minha saúde, que com certeza, não vai voltar mais.

Prof. B:

E agora não me envolvo mais, comecei a diminuir agora, se eu estou mais ou menos, se eu comecei eu do uma aula, do um recreativo, se eu do um recreativo, eu já me sento. Também eu libero o material pra eles ali, eu do uma controlada, fico sentada fazendo uma coisa qualquer. Fora que eu dou aula e fico andando daqui e dali, mas fico sentada.

Prof. C:

Uso apito. Direto o apito. Eu até comprei um apito bom. O apito é um poder. Eu pego uso o apito e dolhe quinhentos mil apitasso, e eu comecei á... eu que nunca fui muito do apito. Mas eu sou muito do..grito.

Profª A:

Às vezes não sinto meu corpo, e como se ele fosse sozinho, meu corpo vai, minha cabeça não vai.

As problemáticas vividas pelos educadores do nosso tempo fazem parte de mudanças sociais constantes, as quais acabam por dificultar as relações interpessoais. Vivemos um período que as exigências professorais não colaboram para enriquecer nossas relações com os alunos. A cada dia, o professor é posto à prova, novas incertezas e conflitos constituem o ambiente da sala de aula e mostram as impossibilidades de acesso à realidade encontrada dentro dos muros da escola, pelo uso da violência, drogas entre outros.

Profª B:

[...] eu uso colete preto para dar aula, é melhor, cuido muito para não ter contato físico, meu corpo não é visto, hoje em dia... e lá não dá.

As aulas de Educação Física, para muitos alunos, constituem-se como um espaço social, vivenciado pelas relações que o desporto favorece, já que houve o desaparecimento de espaços públicos de lazer. Além disso, a sociedade encaminha-se para um mundo cada vez maior de redes de relação virtual, que acabam por dificultar as relações pessoais, menosprezando o protagonista principal, nesta situação a escola.

enquanto muitos trabalhadores contam com excelentes condições para suportar e compensar um trabalho sem sentido, o professor suporta as péssimas condições de trabalho para preservar a chance de fazer a História, a nossa História, com as próprias mãos (SORATTO E HECKLER, 1999, p.121).

Terceiro Eixo: Baixa Realização Profissional

O sentimento de baixa realização profissional é muito delicado, pois não depende unicamente do profissional, mas de todo um contexto social, pois quando se fala em realização se fala em prazer, quando se fala baixa realização se refere a sentimentos de desprazer, desencanto, frustração (CODD, 1999).

Para Molina e Santini,(2005) o nível de satisfação profissional é afetado pela freqüente falta de materiais didáticos, constituindo-se num dos principais fatores do mal-estar docente. Como pensar em viver o trabalho docente com criação e motivação, quando há baixa realização com a profissão, salários baixos, falta de material, aulas ao sol, vento, chuva, frio, calor, na quadra campo, com bola sem bola, com rede, sem rede. Todos esses fatores colaboram com a ruptura da identidade e muitas vezes da profissão.

Profª C:

Aí tu fica, pensando pra que, pra quê que eu vou fazer isso? Entendeu ainda vou me desgastar, ainda fico, eu me sinto tão cansada as vezes desse negócio. Sem esperança. Porque eu fico pensando, pô eu estudei 18 anos, que somando o médio, o fundamental, a faculdade, a pós graduação.

A pesquisa mostrou que o descaso com relação ao professor nas escolas públicas se evidencia com relação ao uso de recursos que possam melhorar as

condições de trabalho, acabam por provocar sofrimento nos professores e provocando, falta de envolvimento pessoal no trabalho, refletindo na relação com os alunos.

O fato do objeto do trabalho do professor ser um outro, e não um objeto em si, faz, toda a diferença. O trabalho escolar é por sua vez organizado em torno da aprendizagem dos alunos, disciplina corporal, além de outras funções como: supervisão, informação, avaliação, etc., onde a responsabilidade fundamental é contribuir para oferecer aos alunos situações de aprendizagem pertinentes, em relação à clientela e o contexto que se tem.

Profª B:

Trabalhei 60 horas 14 anos, sou viúva, precisava, tenho três filhos, não tem como...

Então, quando essa convivência se torna incompatível, o conflito vivido dia após dia de que o trabalho estaria lhe roubando um tempo vital de dedicação à família, presente na nossa clientela leva a uma reação, a um outro conflito, ou mais especificamente, ao sofrimento psíquico do Burnout.

Profª C:

Eu saia às 7:30 e voltava só de noite, passava o dia fora, as vezes à noite me dava conta que meu almoço foi bolachinha e tudo bem...não vi meus filhos crescerem, passou muito rápido, uma loucura.

Segundo Maslach, Schaufeli e Leiter (2001), o fato de ter ou não filhos, assim como o número desses, são variáveis controvertidas no que se refere a facilitar ou inibir a ação dos agentes estressores. Entretanto, Vega e Urdaniz (apud BENEVIDES-PEREIRA, 2002), confirmam que o fato de ter filhos equilibra o profissional, possibilitando melhores estratégias de enfrentamento das situações conflitivas e dos agentes estressores ocupacionais.

Se de um lado a necessidade de trabalhar exige do professor ler, atualizar-se preparar aulas; de outro, exige a dedicação à família, à vida cotidiana da casa, os filhos, o marido, as obrigações; enfim, um conflito instalado, um paradoxo, uma angústia.

Essa é a vida do professor, ou seja, exercer uma missão de tempo integral. O envolvimento pessoal no trabalho continua e tem de continuar, pois é a sua proposta de trabalho, ficando, dessa forma, a família “de lado”.

Portanto, as exigências atuais do trabalho e do lar e o papel que foi historicamente conferido aos homens e as mulheres, há necessidade de se estabelecer outra lógica de convivência que passa por muito mais entendimento, divisão de tarefas, cooperação, companheirismo. É nessa esfera que o problema deve ser encarado. É nessa esfera que deve ser entendido e solucionado antes de vir a se transformar em outro, corrosivo, tanto da relação pessoas, quanto da relação de trabalho, que é o Burnout.

Profª B:

Pra fazer um curso, Seminário, por exemplo ,eles não te pagam, tu é que paga, tem que pagar aquela carga horária que tu tava fora depois, tu tem que recuperar aula num outro dia. Sábado, no turno inverso, sabe-se lá Deus quando.

Prof. C:

Mas eles não te dispensam pra fazer qualquer tipo de curso, até eu faria o Poder Escolar. O Poder Escolar hoje em dia eles não dão falta justificada, mas tu compensa.

Após análise das falas desses professores, ficou evidenciado que as novas exigências impostas pelo atual contexto mundial, bem como do ensino brasileiro, que lançam ao docente constantes desafios e lhe exigem respostas concretas no processo de preparação do educando para o trabalho e a cidadania. Faz-se necessário resgatar, de forma crítica e aprofundada, as questões pertinentes à saúde do professor, buscando-se desvelar os determinantes dessa relação e suas implicações na prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi verificar a incidência da Síndrome de Burnout em professores de Educação Física do ensino médio das escolas estaduais da cidade de Pelotas, relacionando-os com a sua prática profissional.

A pesquisa utilizou-se, como instrumento de investigação, do Maslach Burnout Inventory (MBI) e também de uma entrevista semi-estruturada, aplicada em alguns professores, os quais demonstraram algumas características da Síndrome de Burnout.

Nos resultados obtidos, encontramos três professores com a Síndrome de Burnout, apresentando alto índice nas categorias: exaustão emocional e despersonalização e baixo índice na categoria realização profissional. No que se refere às propriedades sócio-demográficas, ocupacionais, carga horária semanal de trabalho na instituição de ensino, sexo e formação profissional, os resultados mostraram um número significativo de professores com mais de 40 anos com carga horária entre 40 e 60 horas semanais de trabalho, enquanto os professores mais jovens têm uma carga horária de 20 horas semanais. A quase totalidade desenvolve atividades extraclasse e muitos também desenvolvem outras atividades que não a docência. Os professores possuem em média de 7 a 29 anos de docência na Educação Física. Os professores na sua maioria são do sexo feminino, casados e possuem filhos. A faixa etária dos professores se apresenta entre 35 a 55 anos.

Torna-se importante analisar uma das categorias, em especial a despersonalização, por ser essa um elemento essencial da Síndrome de Burnout, enquanto a exaustão emocional e a baixa realização profissional podem estar associadas a outros tipos de doenças laborais. O elemento se torna importante na

avaliação, pois revela a possibilidade do distanciamento do professor com relação ao aluno. Ademais, esse fato também pode estar associado ao conteúdo das perguntas remetidas para avaliar esta categoria, pois segundo Benevides-Pereira, algumas questões do inventário causam certo impacto, uma vez que demonstram uma contradição na postura do que esperamos de um bom profissional. Pode ser difícil para o professor revelar sua postura no trabalho, no que se refere à afetividade, uma vez que essa é uma das expectativas dos pais e da comunidade escolar.

Nascimento (2008), considera as diferentes condições de trabalho, o contato com alunos problemáticos, o relacionamento conflituoso com demais professores, direção e comunidade, alguns fatores de ordem pessoal e a baixa realização profissional, como fatores depreciadores no trabalho docente. Tais fatores devem ser observados pelas equipes diretivas, a fim de propor melhores condições no contexto laboral, evitando assim, o aparecimento dos sintomas que desencadeiam a Síndrome Burnout.

Em virtude disso, percebeu-se, entre outros fatores, a importância de se incentivar um debate a respeito da atuação e condições de trabalho dos professores de Educação Física, pois a sobrecarga de trabalho dos docentes é um fator que interfere de forma negativa na saúde e acaba por refletir na sua relação social e familiar.

Maslach e Leiter (1999) confirmam a necessidade de se realizar intervenções no profissional assim como em seu ambiente de trabalho, salientando que as soluções para o problema baseiam-se no contexto social de trabalho.

Em virtude de este trabalho ser uma pesquisa que contempla apenas uma parte do professorado estadual, não foi possível, ainda, apresentar respostas que satisfaçam certas inquietações, quais sejam:

- existe uma problemática latente que se traduz em professores inseguros e desanimados diante das questões ainda não resolvidas pelos gestores da educação, no que se refere às condições de trabalho;
- a sociedade tem ignorado ou, simplesmente, esquecido de inserir no contexto de suas discussões tal problemática;
- a adoção de práticas de atenção à saúde do professor no contexto escolar ainda é pouco considerada;

- a qualidade do ensino depende de fatores que dizem respeito à saúde e dignidade do professor.

Contudo, a escola não pode desconhecer que, muitas vezes, a perplexidade a insegurança e outros intervenientes se inserem como parte da sua problemática, pressionando para baixo a qualidade do ensino e, fatores como os agravos pertinentes à saúde do professor, podem ser mais um elemento nesse processo.

[...] À medida que a sociedade passa a entender e valorizar a relevância de propiciar melhores condições laborais, também começam a brotar investigações que possam embasar as modificações necessárias para que tais condições se instalem. Talvez por isto estamos tão atrasados neste aspecto e apenas começando a concentrar esforços neste sentido. Faz-se necessário compensarmos o tempo perdido (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.27).

Assim, torna-se possível inferir dessa análise que, ignorar ou esquecer esse fenômeno pode se constituir em um elemento que favorece o aparecimento de situações que interferem negativamente no exercício profissional do professor no contexto escolar. Identificar e combater as causas dessa síndrome favorece a conquista de um nível de qualidade de vida digno e desejável para o educador e também de um desenvolvimento pleno das potencialidades para o educando.

Nesse sentido, faz-se relevante chamar a atenção para esses fatos, com vistas a indicar quais as atitudes significativas de proteção à saúde do professor devem ser tomadas, valorizando as existentes e mostrando novas estratégias de enfrentamento. Assim, deve-se valorizar continuamente, as formas de lidar com tal situação neste contexto de aceleradas mudanças cada vez mais competitivas, pois, ainda que as preocupações para com a saúde docente tenham surgido tardiamente, as discussões não podem esperar.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. da R. *Pós-Graduação/Graduação a mediação do conhecimento em Educação Física*. Tese (Doutorado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2003.

ARROYO, M.G. *Ofício de Mestre. Imagens e Auto-imagens*. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. *MBI – Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil*. *Anais da XXXII Reunião Anual de Psicologia*. Rio de Janeiro, p.84-85, 2001.

BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (org.). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. O Estado da Arte do Burnout no Brasil. *Revista Eletrônica InterAção Psy*, a.1, n.1, p.4-11, ago. 2003.

BETTI, M. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Lei n 9.394, de 20.12.96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetórias, limites e perspectivas*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1997. 246p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 1.339, de 18 de novembro de 1999. Lista de doenças relacionadas ao trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, 19 nov. 1999. Seção 1, p.21-9.

BRASIL. Lei n.10.172 de 9/01/2001-Título IV, cap. 10. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil/leis/leis-2001-lei.n.10.172>.

BRASIL. Decreto 3048/99 do Ministério da Previdência Social, 1996.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Seção IV Artigo 35.

CARLOTTO, M.S. *Síndrome de burnout*: um tipo de estresse ocupacional. Canoas: Caderno Universitário, n.18, 2001.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v.17, n.30, p. 17, jul./dez., 2008.

CODO, W. (org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CODO, W. e SORATO, L. HECKLER-OLIVER, C. Os trabalhadores e seu trabalho In: CODO, W. (org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CODO, W. e VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, W. (org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CNE/CSE . Parecer n.º 7, de 31 de março de 2004.

CORDIÉ, A. *Os atrasados não existem – psicanálise de crianças com fracasso escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DEJOURS, C. e ABDOUCHELI, E. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica do trabalho. In: DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E. e JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DELCOR, N.S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista. Bahia. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.187-196. jan./fev. 2004.

DINIZ, M. *Do adoecimento como saída à saúde como invenção*. VII Seminário Redestrado - Nuevas Regulaciones em América Latina Buenos Aires, 3, 4 y 5 jul. 2008.

ENDO, R. *Profissão: professor, Diagnóstico: stresse*. 2006. Disponível em: <online.com.br/editoria/mundo/news/15643/http://WWW.parana>.

ENGUITA, M. *A face oculta da escola*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

ESTEVE, J.M. Mudanças Sociais e função docente. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. Lisboa: Porto Celebra, 1995.

ESTEVE, J.M. *O mal-estar docente - A sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: Edusc, 1999. Trad. Durley de Carvalho Cavicchia.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GATTI, B. A. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção Formação de Professores)

GIL-MONTE, P.R. Processo de queimar-se no trabalho. In: I Seminário Internacional de Stress e *Burnout*, ago. 2002. Curitiba. *Anais*, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2002. p.30-31.

GOMES, L. *Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites*. 2002. 123p. Dissertação (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública.

HARGREAVES, A. *O Ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

JESUS, S.N. de. *Como prevenir e resolver o stress dos professores a indisciplina dos alunos?* Lisboa: Cadernos do Criap/Asa, 2001.

JESUS, S.N. de. *Perspectivas para o bem estar docente*. Lisboa: Cadernos do Criap/Asa, 2002.

KRUG, N.H. *Vale a pena ser... de Educação Física Escolar?* Buenos Aires, a.13, n.122, jul. 2008. Disponível em: <<http://efdeportes.com/RevistaDigital>>.

LOPES, A. *Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções*. Cadernos do CRIAP, n.22, Porto: GRAFIASA, maio 2001.

MASLACH, C. & LEITER, M. *Trabalho: fonte de prazer ou desgaste*. Campinas: Papyrus, 1999.

MELO, R.Z. e FERRAZ, O.L. *O novo ensino médio e a Educação Física*. Motriz, Rio Claro, v.13, n.2, p.86-88, abr./jun. 2007

NAHAS, M.V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 4. ed. Londrina: Midiograf, 2006.

MOREIRA, H. et al. *Síndrome de Burnout em professores de Educação Física; Um estudo de casos*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Revista Digital, Buenos Aires, a.13, n.123, ago. 2008.

NOGUEIRA, L. *Arquivos em Movimento*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.75-86, jan./jun. 2005

NÓVOA, A. *A Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.

ROSSI, A.M. In: III. Congresso de Stress da ISMA-BR, V. Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. *Anais* Porto Alegre, 2003.

SANTINI, J. *A Síndrome do Esgotamento Profissional: O "Abandono" da carreira docente pelos professores de Educação Física da rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. 2004. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SANTINI, J. *A Síndrome do Esgotamento Profissional: Revisão Bibliográfica*. Movimento, *Revista da Escola de Educação Física – Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v.10, n.1, jan./abr. 2004.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v.19, n.3, p. 209-222, jul./set., 2005

SILVA, M.; MARCHI, R. *Saúde e qualidade de vida no trabalho*. São Paulo: Best Seller, 1997.

SIMÕES, M. e LATORRE, M.R.D.O. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a autopercepção. *Rev. Saúde Pública*, v.40, n.6, p.1013-1018, 2006.

SORATTO, L. e HECKLER C.O. Os trabalhadores e seu Trabalho. In: CODO, W. (org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

SORIANO J.B.; WINTERSTEIN P.J Satisfação no trabalho do professor de Educação Física. *Rev. Paul. Educ. Fís.*, São Paulo, a.12, n.2, p.145-59, jul./dez. 1998.

STANDAR Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ES). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. 24v.

STEDMAN Dicionário Médico. 23. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

TAMAYO, M.R. & TRÓCCOLI, B.T. *Bournout* no trabalho. In: MENDES, A.M.; BORGES, L.O. & FERREIRA, M.C. Ferreira (orgs.). *Trabalho em transição, saúde em risco*. Brasília, DF, 2002. p.45-63.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Libertad, 1997.

WEINBERG, Robert S. & GOULD, Daniel. *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WISNER, A. *A inteligência do trabalho: textos selecionados de Ergonomia*. São Paulo: Fundacentro: Unesp, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS
Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA SÍNDROME

Para avaliação do Burnout, será utilizada uma escala desenvolvida e inspirada no Maslach Burnout Inventory – MBI (MASLACH e JACKSON, 1981). Esse instrumento consta de 22 itens fatorados em 3 sub-escalas correspondentes as três dimensões de Burnout, sendo: exaustão emocional – EE, com nove itens; despersonalização – DE, com cinco itens e realização profissional – RP, com oito itens.

O instrumento utiliza uma escala progressiva, tipo likert de sete pontos, indo de “0” como “nunca” a “6” como “todos os dias”.

Com o propósito de discriminar as manifestações do fenômeno em níveis crescente de severidade será usada a categorização em “baixo”, “médio” e “alto” para cada um dos fatores da síndrome. O manual do Maslach Burnout Inventory (MBI) traz como diagnóstico **a Síndrome de Burnout**. Os pontos de corte se darão à partir da obtenção de classificação “alta” para **EE** e **DE** e classificação “baixa” para **RP**. Tal critério vem sendo adotado nas pesquisas sobre Burnout, realizadas pelo LPT- UnB, as quais serão baseadas em sugestão contida no manual do MBI (MASLACH e JACKSON, 1981).

Por favor, leia atentamente cada um dos itens a seguir e responda se já experimentou o que é relatado, em relação a seu trabalho. Caso **nunca** tenha ocorrido, responda "0" (zero) na coluna ao lado. Em caso **afirmativo**, indique a frequência (de 1 a 6) que descreveria melhor sua percepção, conforme a descrição abaixo:

- 0 – Nunca
- 1 – Uma vez ao ano
- 2 – Uma vez ao mês
- 3 – Algumas vezes ao mês
- 4 – Uma vez por semana
- 5 – Algumas vezes por semana
- 6 – Todos os dias

QUESTÕES		Pontos
1.	Sinto-me esgotado/a emocionalmente por meu trabalho.	
2.	Sinto-me cansado/a ao final de um dia de trabalho.	
3.	Quando me levanto pela manhã e vou enfrentar outra jornada de trabalho sinto-me cansado/a.	
4.	Posso entender com facilidade o que sentem meus alunos.	
5.	Creio que trato alguns alunos como se fossem objetos impessoais.	
6.	Trabalhar com alunos o dia todo me exige um grande esforço.	
7.	Lido de forma eficaz com os problemas dos alunos.	
8.	Meu trabalho deixa-me exausto/a.	
9.	Sinto que influencio positivamente a vida de outros através do meu trabalho.	
10.	Tenho me tornado mais insensível com as pessoas desde que exerço este trabalho.	
11.	Preocupa-me o fato de que este trabalho esteja me endurecendo emocionalmente.	
12.	Sinto-me com muita vitalidade.	
13.	Sinto-me frustrado/a em meu trabalho.	
14.	Sinto que estou trabalhando em demasia.	
15.	Não me preocupo com o que ocorre com alguns alunos.	
16.	Trabalhar diretamente com alunos causa-me estresse.	
17.	Posso criar facilmente uma atmosfera relaxada para os meus alunos.	
18.	Sinto-me estimulado/a depois de trabalhar em contato com os alunos.	
19.	Tenho conseguido muitas realizações em minha profissão.	
20.	Sinto que atingi o limite de minhas possibilidades.	
21.	Sinto que sei tratar de forma adequada os problemas emocionais no meu trabalho.	
22.	Sinto que os alunos me culpam por alguns de seus problemas.	

APÊNDICE B



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS
Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851

Para a investigação qualitativa usamos um roteiro de entrevista baseado no mesmo modelo do inventário de Maslach, evidenciando os sintomas descritos à seguir:

Fatores de Exaustão Emocional

Sentimentos de esgotamento ao final do dia de trabalho
 Sentimentos de estar no limite
 Sentimentos de estar emocionalmente exausto com o trabalho
 Sentimento de frustração com relação ao trabalho
 Sentir que esta trabalhando em demasia
 Trabalhar com alunos representa um verdadeiro esforço .

Fatores de Despersonalização

Sentir-se culpado pelos problemas dos alunos
 Sentir que na relação com os alunos os trata como se fossem objetos
 Sentimento de ter se tornado insensível com os alunos .
 Sentimento de que o trabalho o esteja endurecendo emocionalmente.
 Não se importar com o que acontece com seus alunos.

Envolvimento Pessoal no Trabalho

Sentir-se com muita energia
 Sentir-se estimulado profissionalmente após trabalhar com seus alunos
 Saber lidar com os problemas emocionais no trabalho, sempre com muita calma
 Sentimento de estar influenciando de forma positiva a vida dos alunos
 Sentir que o clima com os alunos sempre é tranqüilo
 Sentimento de estar realizando coisas importantes em seu trabalho.

APÊNDICE C

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS
Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851**

Aos Diretores das Escolas Estaduais de Ensino Médio de Pelotas

Prezado(a) Senhor(a).

Considerando a realização da investigação “Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das Escolas da Rede Estadual de Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS”, que objetiva analisar o nível de esgotamento profissional percebida nos professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio, vinculados ao Magistério Público Estadual da Cidade de Pelotas, venho por meio deste, solicitar o apoio desta unidade educativa para realização da coleta de dados, pelo fato do contato direto entre os diretores das escolas e os professores de Educação Física.

Informo que a realização desta investigação na cidade de Pelotas foi autorizada, pela 5ª Coordenadoria Estadual de Educação de Pelotas, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/ UFPEL. O apoio solicitado é que os diretores das escolas encaminhem os questionários para preenchimento pelos professores de Educação Física, e após cumprida esta etapa, os documentos deverão ser entregues à responsável pela pesquisa.

Agradeço, antecipadamente, a atenção dispensada e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Marta S. S. Janelli da Silva. (martajanelli@hotmail.com)



APÊNDICE D



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
 Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS
 Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Considerando a resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pelotas, gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa intitulada: “Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das Escolas Estaduais do Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS.” Esta pesquisa se desenvolverá nas Escolas Estaduais de Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS”.

A presente investigação propõe-se a verificar a existência da Síndrome de Burnout em professores de Educação Física das Escolas Estaduais de Ensino Médio de Pelotas/RS. Para tanto, será necessário identificar aspectos, sintomas e motivos que levam esta categoria profissional ao esgotamento laboral. Sua participação nesta pesquisa será através de uma entrevista semi-estruturada.

Ressaltamos que as entrevistas serão realizadas individualmente e gravadas. Será feito à transcrição do conteúdo e o texto retornará para confirmação das informações, sendo possível, também efetuar alterações para validar o seu conteúdo.

A sua colaboração será imprescindível para o desenvolvimento desse estudo. Salienta-se que sua identidade será sigilosamente preservada e que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente nesse estudo e para fins do objetivo mencionado acima.

Desde já agradecemos pela atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos,

Endereços eletrônicos: martajanelli@hotmail.com
cafonso@terra.com.br

Telefones: (53) 3229-1099 / (53) 9145-5420.

Prof^a Dr^a. Mariângela da Rosa Afonso
 Orientadora do mestrado

Prof^a. Marta Solange Streicher Janelli da Silva
 Pesquisadora

Eu, _____ declaro estar plenamente esclarecido (a) e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada: “Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das Escolas Estaduais do Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS”.

Assinatura:

Data: / / 2009.

Nome:

APÊNDICE E

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
 Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 • Pelotas/RS
 Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851

**MAPA DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO
DO MUNICÍPIO DE PELOTAS-RS**

Pesquisa: “Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física” do Ensino Médio das Escolas Estaduais da Cidade de Pelotas/RS”					
Nº	Nome da Escola Pólo	Localização	Telefone	Prof. Ed. Física	Endereço Eletrônico (e-mail)
1	E. E. E. M. Dr. Amílcar Gigante	Av. Zeferino Costa 2690		1	
2	E. E. E. M. Dr. Antônio Leivas Leite	Leopoldo Souza Soares 333		2	
3	E. E. Cassiano Nascimento	Av D Joaquim 671		3	
4	E. E. Dr. Joaquim Duval	Br de Tramandahy 980		2	
5	E. E. Osmar Rocha Grafulha	Olenka L S Soares Rassier 20		2	
6	E. E. Prof. Sylvia Mello	Evaristo Veiga 75		2	
7	E. E. Nossa Sra de Lourdes	Gal Osório 559		2	
8	E. E. I.E.A.Brasil	Antônio dos Anjos, 296		7	
9	E. E. Monsenhor Queiróz	Dr. Miguel Barcelos, 563		2	
10	E. E. D. João Braga	Bento Martins, 1656		2	
11	E. E. Ginásio do Areal	Av Domingos José de Almeida		3	
12	E. T. E. João XXIII	Gal Osório,		1	
13	E.. E. Félix da Cunha	Benjamim Constant,1459		1	
14	E. E. Coronel Pedro Osório	Gal Osório,		1	
15	E. E. Adolfo Fetter	Av. Pinheiro Machado 823		1	
16	E. E. Edmar Fetter	Rua 5, nº 100		1	
17	E. E. Augusto Simões Lopes	Rua Afonso Arinos, 91		2	

Sobras vai para resultados ou conclusões